

MENNA VAN PRAAG

Autora de Homens, Dinheiro e Chocolate

Fama, Amor e Dinheiro

*Um livro que nos enche de esperança, coragem, inspiração,
e nos mostra como podemos ter tudo o que queremos e ser felizes*



AUTORA DE

*Homens,
Dinheiro
e
Chocolate*

Quinta Essência

Ficha Técnica

Título original: Happier than she's ever been

Título: Fama, Amor e Dinheiro

Autora: Menna van Praag

Tradução: Dina Antunes

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895558612

Direitos reservados para Portugal

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Menna van Praag, 2011

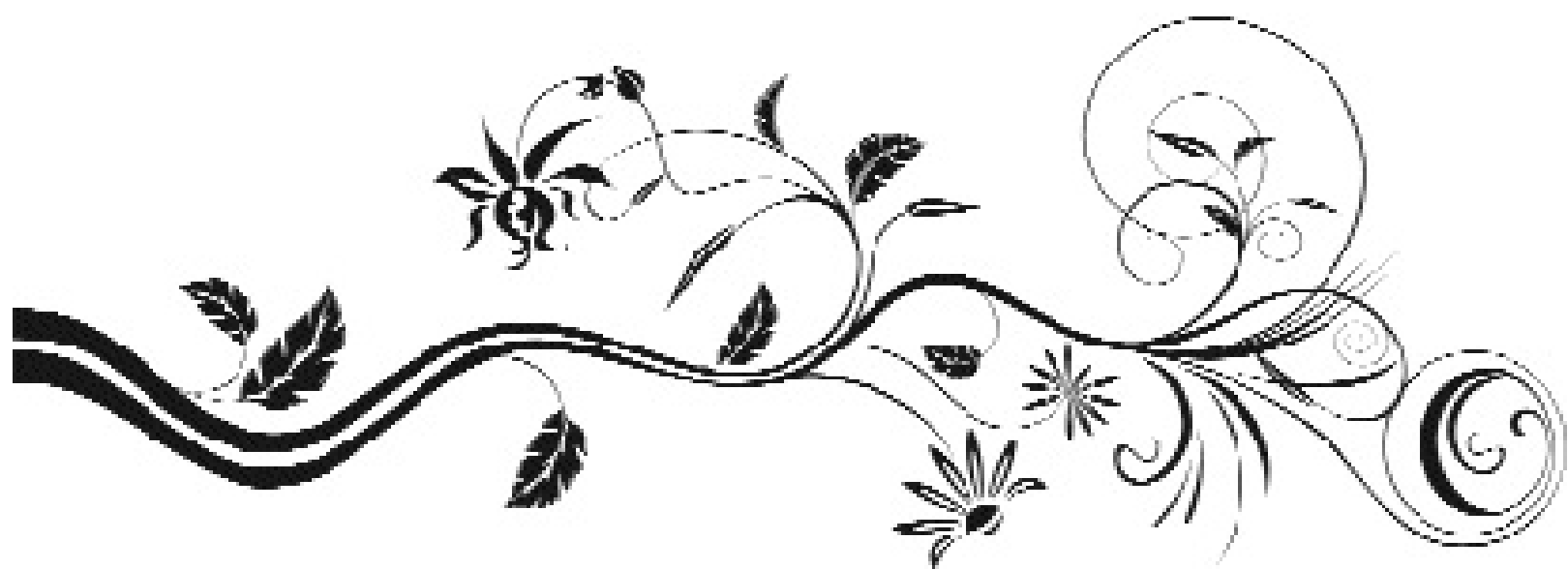
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.



Para Ariel e Shya

– que todos os dias me inspiram a criar
a minha própria relação mágica –

com amor

Dear Leaders,

I'm so happy that *Men, Money & Chocolate* and *Happier Than She's Ever Been* are published in Portuguese.

Portugal is very dear to my heart as my husband, André de Sá Barreto, is Portuguese. In fact, I based the hero of my stories (Ben) on him and included a few recipes (in the first book) and affectionate terms we call each other.

I love visiting Portugal every year, appreciating its beauty, speaking its language (as best I can!) & most of all, eating its foods. Especially assado de galinha, espetada e carne vinho e alhos... cooked by my lovely mother-in-law.

My two books are about courage, compassion & connection finding love & following your dreams. I hope you find as much inspiration inside these pages as I found in writing them.

beijinhos e abraços para todos
os meus leitores Portugueses!

Menna

CONTOS DE FADAS

May Fitzgerald sentia-se feliz. Mais feliz do que alguma vez se havia sentido em toda a sua vida. Todos os seus sonhos estavam finalmente a tomar forma. Após anos e anos de esforço e sofrimento, desilusões e desespero, angústia e erros, e depois de muitas lições da vida, tudo parecia estar por fim a realizar-se. Agora vivia numa bonita cidade, numa bonita casa, com o homem mais bonito que alguma vez conhecera. E o seu livro – aquele que lhe exigira tanta coragem, aquele pelo qual vendera o café para fazer uma edição de autor, aquela que a obrigara a viajar por toda a América para o vender – começava aos poucos a atingir o sucesso.

May também parou de se empanturrar com grandes quantidades de chocolate, coisa que fazia para reprimir a tristeza. O que até nem se revelou difícil, uma vez que já não se sentia triste. Agora era capaz de deixar tabletes de chocolate no frigorífico durante semanas a fio sem nunca se sentir, nem vagamente, tentada a engoli-las todas de uma só vez.

Também estava extremamente grata pela sua nova vida. Pensava com frequência na sua anterior existência e em como poderia nunca ter tido coragem suficiente para a abandonar se não fosse a ajuda que recebera de todas as pessoas mágicas que conhecera. Rose em especial, a velhota com os cintilantes olhos azuis, que encontrara May no seu café afundada na mais profunda solidão e autoaversão. E Faith, a sua prima e a amiga mais querida que alguém podia desejar. Sem elas, May ainda estaria sentada atrás do balcão do The Cocoa Café, a soluçar para dentro dos seus *cappuccinos*, a devorar bolos inteiros e a apaixonar-se por homens que não gostavam dela.

Todavia, por causa dessas mulheres, estava na América, a viver todos os seus sonhos de uma vez só. Mesmo passado um ano, May mal podia acreditar que era verdade e tinha de se beliscar várias vezes para ter a certeza que estava acordada. Agora May dedicava o seu tempo livre a ajudar outras mulheres que sofriam dos mesmos problemas com os quais ela se debatera durante tanto tempo. Uma vez que poderiam não ter a sorte de encontrar pessoas inspiradoras por acaso, e por certo não iriam esbarrar com Rose no café da vizinhança, May tinha esperança de ser a estranha mágica nas suas vidas, aquela que as ajudava a encontrar o caminho para as suas felicidades individuais e particulares. E quando essas mulheres regressavam para lhe dizer o quão as tinha auxiliado e como estavam mais felizes, May sentia-se mais rejubilante e agradecida do que alguma vez imaginara possível.

May organizava eventos especiais abertos ao público todas as terças e quintas-feiras à noite, na livraria do namorado, Ben. Confeccionava alguns doces para as pessoas que compareciam, lia passagens do seu livro, respondia a algumas perguntas, fazia alguns jogos e o que fosse preciso para levar um pouco de alegria àquelas vidas e, se tudo corresse como previsto, alguma felicidade duradoura. Um dia, em que se encontrava a arrumar tudo após um serão deveras agradável, May recordou-se de algo que a encantadora Rose lhe havia dito, que não devia sentir-se culpada por estar feliz, porque as pessoas felizes espalhavam a sua felicidade, polvilhando-a por cima daqueles que a iam conhecendo, ao passo que as pessoas infelizes faziam exatamente o oposto. Assim, ser feliz era mais ou menos como ser um farol num

mundo de escuridão. E era isso mesmo que May desejava ser.



May havia acordado com a luz do Sol a derramar-se todos os dias dos últimos meses pelas suas janelas, tais eram os benefícios do verão em São Francisco, e todos os dias deixava-se ficar mais um pouco sob as cobertas da cama, a sorrir para si mesma. Não importava em que lugar do mundo se encontrava, ou o que estivesse a fazer, May acordava sempre cedo. Tendo gerido um café durante uma década, o hábito estava agora enraizado nela. Mas não se importava. Na verdade, adorava ter tempo para deixar a luz do Sol infiltrar-se-lhe na pele, tonificando-a e fortalecendo-a antes do dia começar realmente.

Quando May se levantou, deixou o namorado a ressonar na outra ponta da cama e deslocou-se até à cozinha em pijama. Viviam num pequeno apartamento por cima da livraria de Ben, que lhe havia sido deixada pelo avô. Fora a primeira livraria a abastecer-se com o romance de May e a dar-lhe a honra de o exibir na montra. Viver por cima de dois mil livros entusiasmava-a mais do que ela conseguia exprimir por palavras. Às vezes, logo de manhã, descia pé ante pé a pequena escada em caracol e deixava-se ficar no último degrau a contemplar o labirinto de prateleiras repletas de livros ao ponto de vergarem, depois as estrelas douradas que ornamentavam o teto azul-escuro e por fim para o chão de carvalho. E, ao mesmo tempo que aspirava o ligeiro odor a bolor, May soltava um pequeno suspiro de gratidão.

A sua vida com Ben era simples, e ela adorava-a. O não terem muito dinheiro levava-os a alternar as noites entre passeios pela cidade e visitas aos seus lugares favoritos e gratuitos: o Japanese Tea Garden¹, o banco numa colina com vista para a Ponte Golden Gate, ver as montras em Height Street, partilhar o café e o bolo no The Tea Cup. Quando a livraria fechava, passavam horas a explorar, a ler um para o outro as passagens dos seus livros preferidos e a fazer amor em cada corredor. Lá em cima, no apartamento, quando não estavam na cama, encontravam-se na cozinha. Era Ben quem fazia grande parte dos cozinhados, ao passo que May dedicava-se a comer e a arrumar tudo depois do jantar.

É claro que, mesmo por entre toda esta abundante felicidade, havia alguns desacordos e até mesmo a ocasional discussão. Tinham ambos os seus maus dias e, por vezes, descarregavam as dores e as frustrações um no outro, não sendo nunca calculistas nem cruéis. Limitavam-se a fazer arranhões superficiais, facilmente curáveis, que nunca debilitavam ou ameaçavam a segurança que sentiam perto um do outro.

Durante os primeiros meses, May sentira-se inquieta, recordando-se de como os seus anteriores relacionamentos haviam rapidamente terminado após alguns meses de pura felicidade. Por isso, estava sempre um pouco ansiosa, à espera do dia em que Ben lhe diria que já não a amava. Mas os meses foram passando, depois um ano, e nada se alterara. Ele continuava a amá-la e a desejá-la tal como ela o amava e desejava. E isso para ela era uma bênção tão grande que mal podia acreditar. Quando se apaixonara pelo deslumbrante e emocionalmente inacessível Jake, que afastara graças às suas carências e neuroses, May acreditou estar condenada a resignar-se a uma vida desprovida de amor. E agora, milagre dos milagres, parecia ter encontrado a sua alma gémea.

Fazia café fresco todas as manhãs para Ben, que era incapaz de funcionar sem uma primeira dose de cafeína. Aos sábados e domingos confeccionava *scones* de mirtilo. Agora que já não tinha de fazer dezenas de bolos todas as manhãs, May encantava-se a criar verdadeiras delícias na sua minúscula

cozinha e a perfumar o apartamento com o aroma a bolinhos de canela, a tartes de chocolate, a dónutes de alfazema, a *macarons*² de baunilha... Infelizmente, ainda não conseguira encontrar todos os ingredientes para os *flapjacks*³ de chocolate nas lojas que visitara (e ficara admirada ao descobrir que, daquele lado do oceano, os *flapjacks* eram uma espécie de panqueca) e, por isso, Ben ainda não tivera oportunidade de provar a sua especialidade. Mas na semana anterior, no aniversário do nascimento da sua mãe, May confeccionara o bolo preferido de Lily de água-de-rosas e chocolate branco e Ben afirmara que era a melhor coisa que ele já tinha comido em toda a sua vida. E ela enchera-o de beijos.



Depois de Ben ter bebido o café, aninhando-se ao lado de May até estar quase atrasado, depois de se arrastar para fora da cama, tomado um duche e levado mais uma caneca de café para a sua secretária na livraria, May subia em pijama outra escada em espiral e afundava-se no sofá da pequena salinha que era só dela. Uma semana após ter-se mudado para o apartamento de Ben, apenas três semanas depois de se terem conhecido, ela criara um lugar especial só para ela: para escrever, para pensar, para ser.

Era uma pequena salinha. Uma das paredes era na realidade uma enorme janela com vista para uma rua comprida que descia em direção ao mar ladeada por casas de diversas cores. Ao longe, em dias límpidos, conseguiam avistar-se os cabos de ferro da famosa ponte. May adorava ficar a olhar pela janela. Há semanas que não escrevia nada, limitando-se a contemplar a paisagem e a sorrir para o céu. Sentia uma nova espécie de felicidade. Uma felicidade que não desejava nada, que não necessitava de nada e que sabia que tudo era absolutamente perfeito tal como se apresentava. Nesse estado de alma, May não se sentia impelida a pegar na caneta, pois nada mais precisava de ser dito.

Assim, ao invés, fazia sarrabiscos. Desenhava padrões e palavras ao acaso em grandes e elaboradas letras, a longa e delicada curva das consoantes e das vogais subindo e depois deslizando para o fundo da página. Às vezes parecia-lhe que estava à espera. Sentia que a história seguinte estava dentro dela, tomando lentamente forma, e tinha apenas de ir passando o tempo até estar pronta para nascer. E May não se importava nada de esperar; já não ficava inquieta ou amedrontada com a possibilidade de não ser bem sucedida, de não ser capaz de alcançar nada. Sentia-se completa. Tal como era. Não precisava de ser especial, ou produzir algo de especial, para ser uma pessoa melhor. Estava consciente de que nada do que fizesse podia acrescentar ou retirar fosse o que fosse da simples perfeição de quem era, da ponta dos seus dedos ao mais fundo do seu coração.

Enquanto criança e adolescente, e até há coisa de um ano, May sentira sempre que não era digna de ser amada. E, olhando para trás, percebia que tudo começara quando tinha seis anos, altura em que o pai saíra de casa. Embora a mãe lhe tivesse repetido vezes sem conta que a culpa não era dela, e que ele continuava a amá-la, May nunca acreditara. Preocupava-se que houvesse alguma coisa de muito errado com ela; temia uma razão secreta e demasiado horrível para que a mãe a revelasse. Ao longo dos anos essa razão assumiu diversas formas: era muito feia, muito aborrecida, muito estúpida, demasiado banal, muito simples, demasiado... E quando constatou que o pai nunca mais regressaria, ficou com a certeza de que eram *todas* verdadeiras. Transportara todas essas inseguranças para cada relacionamento de curta duração que vivera. Ao início, May sempre temera vir a ser abandonada assim que eles reparassem que ela era muito gorda e descobrissem todas as suas outras imperfeições. E assim, apesar de todos os seus

esforços em contrário, acabou por transformar-se numa mulher carente e dependente, e os namorados acabavam mesmo por deixá-la, confirmando os seus piores receios de como não era digna de amor.

Ainda em tenra idade, numa tentativa de fazer qualquer coisa especial, começara a escrever. E desde que terminara a sua primeira história e a professora a colara na parede para que todos a pudessem ler, sonhava em publicar um romance de verdade. Um que fosse aclamado pela crítica e que resultasse em fama e muito dinheiro. Depois o pai acabaria por vê-lo certo dia na montra de uma livraria. Comprava-o, adorava-o e lia todas as críticas, percebendo nesse momento como toda a gente a amava e como cometera um grave erro, desistindo de tudo e dedicando os seus dias a procurá-la.

Claro que agora que publicara o seu livro em edição de autor, que vendia apenas em São Francisco e que não tivera uma única crítica, boa ou má, essas esperanças sobre o seu pai pareciam bastante improváveis. Felizmente não sentia a dor do seu abandono com a mesma intensidade de outrora; quando lhe parecera um atizador em brasa que marcava a quente a ausência de amor no seu coração. E, quando Jake a deixou, essa sensação de não ser amada feriu-a ainda mais profundamente. Todavia, agora, com a certeza do amor de Bem e, mais importante, do seu próprio amor, a ausência do pai transformara-se numa ocasional brisa fria que lhe soprava no rosto.



May encontrava-se sentada à sua secretária, de pernas cruzadas na cadeira de pele vermelha. Mastigava distraidamente a extremidade da caneta e olhava pela janela. Nesse momento, uma bola lanuda de pelo aterra sobre a mesa, tendo saltado perigosamente do cimo de uma estante vizinha. Era *Doughnut*, o seu gato.

– Olá, minha linda bola de pelo – disse May com um sorriso, passando os dedos pelo seu comprido pelo cinzento e branco.

Doughnut ronronou bem alto e pressionou o cimo da cabeça contra a palma da mão da dona. Ela coçou-lhe as orelhas e o gato começou a babar-se. May soltou uma gargalhada.

Regressara a Inglaterra uns meses antes para renovar o visto, visitar a sua encantadora prima, Faith, e levar finalmente *Doughnut*, que deixara à guarda de Faith. Também visitara a campa da mãe, colocando um bolo de água-de-rosas e baunilha junto à lápide, como era sua tradição, e sorrindo por voltar a vê-la. May não permanecera em Inglaterra durante muito tempo e também não ficara muito triste por ter de abalar. Embora sentisse a falta de Faith, sendo uma insular, e uma solitária introvertida durante a sua vida em Inglaterra, May nunca fizera muitos amigos com a exceção do seu ex-namorado Jake. E, dado o desastre que havia sido, esperava *nunca mais* voltar a vê-lo. Ainda assim, não deixava de ser um choque, tendo em conta como chegara ferida à América, perceber como aquele novo país começava aos poucos a parecer a sua casa.

De todas as cidades americanas que tinha conhecido, e não haviam sido muitas, São Francisco foi aquela pela qual se apaixonou de imediato. O lugar que reconheceu e que era seu. E assim era. Uma recompensa, uma dádiva, depois de todos aqueles solitários e dolorosos anos a lutar para se transformar na mulher que sempre desejara ser, São Francisco era o seu regresso a casa.



May afagou *Doughnut*, contemplou a paisagem e compreendeu que naquele dia nenhuma palavra sairia dos seus dedos. Teria de esperar. No passado, quando se empenhara para alcançar algo, para justificar o seu lugar no mundo e provar que era digna de amor, esperar era a maior das agonias. Agora não se importava nada.

– Vem cá, sua enorme e bonita bola de pelo. – May pegou no gato ao colo e transportou-o, molengão e satisfeito, pela escada em caracol. – Eu sei que não é domingo, mas parece-me uma boa altura para fazer *scones* de mirtilo. O que achas? – *Doughnut* ronronou.

May adorava a cozinha de Ben. Adorava as portas de madeira dos armários, cada uma pintada de sua cor: amarelo gema de ovo, azul-marinho, vermelho-sangue, verde-garrafa. Adorava o fogão a gás e as caçarolas de ferro fundido, as antigas tábuas de picar de carvalho e as tigelas de cerâmica com o rebordo azul a fazer lembrar os anos cinquenta. E adorava cozinhar nela.

Algumas vezes por semana, para além dos seus serões dedicado ao livro *Homens, Dinheiro e Chocolate*⁴, May ressuscitava o The Cocoa Café naquela cozinha e criava pequenas delícias para os eventos da livraria de Ben: palestras dos seus autores favoritos ou sessões de leitura com os seus livros preferidos. Na primeira a que May assistira estavam presentes cerca de trinta miúdos, todos com menos de dez anos. Tinham andado a correr pela livraria, a guinchar pelos corredores, aterrorizando May até que ela os afugentou para a secção do Realismo Mágico e se escondeu atrás de uma primeira edição autografada do livro *Como Água Para Chocolate*⁵. Mas quando Ben começou a ler *Alice do Outro Lado do Espelho*⁶, as crianças sentaram-se todas no chão e fixaram a sua atenção nele, extasiadas e imóveis, até que, uma hora depois, ele fechou o livro com a promessa de que voltariam ao País das Maravilhas na semana seguinte. May ficara tão cativada quanto as crianças. Ben era o leitor mais fascinante que ela alguma vez escutara e, ao ver o quanto ele gostava da história e o quanto se preocupava com aqueles miúdos, May percebeu que desejava passar o resto da sua vida com ele.

Aquela era a noite da reunião mensal dos fãs de ficção científica. Havia declarado aquele o ano de Neil Gaiman⁷ e analisavam minuciosa e perseverantemente cada um dos seus livros fantásticos. May não era grande admiradora de ficção científica, por isso deixou-os envoltos na leitura, tendo prometido a Ben que naquela noite iria fornecer-lhes toda a doçaria necessária para os ajudar durante os primeiros capítulos de *Stardust – O Mistério da Estrela Cadente*. Assim, deitou mãos ao trabalho.

Uma hora mais tarde, antes do almoço, May desceu a escada em caracol que dava para a livraria. Antes de ter sido convertido pelo avô de Ben, o edifício fora um quartel de bombeiros e as escadas substituíam o varão de emergência. *Doughnut* desceu os degraus silenciosamente e seguiu May até à secretária de Ben, onde ele se encontrava escondido atrás de várias caixas de livros em segunda mão. Levantou a cabeça quando ela se aproximou.

– Ei, bonita.

– Ei, *sexy*, precisas de ajuda?

– Isso era fantástico. – Ben sorriu. – Podes começar mais cedo?

– Claro – respondeu May com um aceno de cabeça.

Trabalhava na livraria todas as tardes para que Ben pudesse visitar compradores, tratar da

contabilidade e fazer alguns recados. Ele parou de desempacotar os livros e fitou-a.

– Nem uma única palavra?

May abanou a cabeça e sorriu-lhe, feliz por ele a conhecer tão bem e preocupar-se tanto.

– Elas vão regressar – garantiu Ben. – Não te preocupes.

– Eu sei que sim – disse May, acenando com a cabeça. – Mas tenho saudades delas, apenas isso.

Ben rodeou a secretária e colocou os braços em redor da namorada. Ela encostou a cara ao peito dele, sentindo o seu cheiro. *Doughnut* enrolou-se-lhes em volta das pernas, desenhando oitos entre eles. May olhou para Ben.

– Fiz quatro fornadas de *scones* de mirtilo.

– Fantástico – exclamou ele com um sorriso largo. – Os *totós* vão adorar de certeza.

– Vai lá, então – disse May. – Vai tratar dos teus afazeres. Eu tomo conta de tudo aqui.



– Obrigado. – Ben beijou-a, agarrou numa caixa que estava em cima da secretária e quase tropeçou em *Doughnut* enquanto percorria uma coxia em direção à porta.

Nessa noite, May encostou-se a uma prateleira, observando Ben a ziguezaguear por entre os fães de ficção científica com um prato de *scones* de mirtilo na mão. Sorria para toda a gente, tocando nos ombros dos mais tímidos para os deixar à vontade, olhando-os nos olhos, prestando atenção a todos, escutando-os de modo a fazê-los sentir as únicas pessoas presentes na sala. Como era possível amar assim tanto outro ser humano? May suspirou de contentamento. De imediato, um medo familiar cresceu dentro dela: não iria durar muito, ser-lhe-ia tirado tudo uma vez mais, perderia tudo, até a si mesma. Essa era a única coisa que ainda a preocupava, aquele medo. Apanhava-a sempre desprevenida, habitualmente após os momentos mais felizes, e ela não sabia como lidar com aquilo. Não queria falar sobre isso, com medo de que ficasse ainda pior, e também não queria pensar muito no assunto ou analisá-lo demasiado. Assim, resolveu reprimi-lo e pegou noutra travessa de *scones*.



¹ Jardim público de estilo japonês integrado no Parque Golden Gate. (*N. da T.*)

² Pequeno bolo redondo e granuloso, especialidade de Lorraine, na França. (*N. da T.*)

³ Biscoitos feitos com aveia, manteiga, açúcar mascavado e xarope de ácer (*N. da T.*)

⁴ Editado pela Quinta Essência em 2010. (*N. da T.*)

⁵ Da escritora Laura Esquivel. (*N. da T.*)

⁶ Da autoria do escritor Lewis Carroll. (*N. da T.*)

⁷ Escritor inglês célebre pelos seus livros de ficção científica e de banda desenhada. (*N. da T.*)

SONHOS

Duas semanas mais tarde, May acordou a meio da noite com o coração a bater tão depressa que mal conseguia respirar. Olhou para Ben que dormia ao seu lado emitindo pequenos e suaves roncos, pousou a mão no seu ombro despido e deixou-a lá ficar. Aquele toque acalmou-a, ancorando-a à realidade: Ben ao seu lado e *Doughnut* aninhado nas dobras dos cobertores azuis, uma bola lanuda de pelo num mar de lençóis.

Aos poucos, à medida que os minutos iam passando, a respiração de May foi ficando mais ritmada e ela recostou-se na almofada com um suspiro. Observou as manchas de luar que tremeluziam no teto, tentando lembrar-se do pesadelo. Olhou para o despertador – três e trinta e três da manhã – e esboçou um pequeno sorriso. Trinta e três: o seu número da sorte, o número do seu nascimento. Talvez fosse um bom presságio. Estava tudo bem. Fora apenas um sonho mau, nada mais. Estava segura. E feliz. E bem. Bem. Bem. Bem. Meteu as mãos para debaixo das cobertas quando Ben se virou de barriga para baixo. Encostou a mão direita às costas descobertas dele, fechou os olhos e recusou-se a admitir que estava com um pouco de medo de voltar a adormecer.



Na tarde seguinte, May voltou a arrumar a prateleira da secção de Ficção Científica e Fantasia. Estava um dia calmo. Por alturas da hora do chá, já vendera um total de três livros de Astrologia e um Harry Potter que Ben arrumava na secção Feitiçaria para Crianças: Ficção. Enquanto trabalhava, organizando os livros por ordem alfabética, começou a recordar-se da noite anterior. Palavras isoladas e imagens instantâneas invadiram-lhe a mente, acumulando-se na sua consciência como um nevão.

Fantasia. O sorriso de uma mulher. Contos de fadas. Um colar de pérolas. Olhos sorridentes. Pele enrugada. Amor verdadeiro. Segurança. Sentada no colo do pai. Aninhada nos braços de Ben. Alegria. Chegar a casa.

Segurando na mão um exemplar de *Coraline*⁸, May parou por um momento. Talvez o sonho até tivesse sido agradável. Tinha-se preocupado em vão. Estava bem. Estava tudo bem. May voltou-se de novo para a estante e depois estacou, com o livro no ar.

Amor de mentira. Medo. Pânico. Raiva. Desespero. Realidade. Um grito, o seu grito. Pés a correrem, por uma floresta, cada vez mais depressa. Mentiras. O coração a bater-lhe na garganta. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Cada vez mais audível. Medo. Perda. Os seus pés a tropeçarem num cepo, ela a cair num buraco negro profundo e interminável. A cair e cair e cair e cair...

May deixou cair o livro no chão.



Distraído-se com mais algumas vendas e passando meia hora à conversa com uma cliente sobre os seus livros preferidos de Alice Hoffman, May conseguiu passar o resto do dia sem voltar a pensar muito no seu sonho. Ou, pelo menos, não a cada segundo. Quando mais tarde subiu as escadas, Ben havia feito peixe em vinho branco e molho de manteiga, com couve de folhas e brócolos roxos para o jantar. Era o prato preferido de May.

– Estás bem, *bichana*? – perguntou Ben quando se sentaram no chão, os pratos sobre a mesinha de café. Era a alcunha que lhe dera, que significava «gatinha» em português. E era também o que a mãe lhe chamava em criança, usando, claro, a forma do masculino: *bichano*. Por vezes, quando se sentia aventureira, May também o usava.

– Sim. – May levantou a cabeça. – Eu... quero dizer, hum, bem, foi apenas um dia fraco, só isso. Não gosto muito dos dias assim, preocupam-me.

– Não te preocupes – argumentou Ben, com um sorriso. – Vamos ficar bem. No fim tudo se equilibra, os bons e os maus dias; é sempre assim.

– Sim, acho que tens razão – concordou May. – Sabes, devia ter tido essa atitude quando geria o The Cocoa Café e talvez não tivesse perdido tudo.

– Talvez – disse Ben –, mas então nunca terias publicado o teu livro ou atravessado o oceano e eu nunca te tinha conhecido. O que seria uma coisa mesmo muito má.

– Isso é verdade. – May fitou-o e sorriu. – É como disse aquele monge, ou alguém, cujo nome não me recordo: «Não existem bons ou maus acontecimentos, apenas acontecimentos.» Creio que há um fundo de verdade nestas palavras, embora por vezes seja difícil pensar assim quando nos vemos envolvidos numa situação complicada ou trágica.

A primeira que ocorreu a May foi a humilhante e devastadora separação de Jake, o único homem que ela acreditava ter amado antes de Ben. Aquele que a empurrara para o limiar da sanidade mental e da autoaversão. Mas claro que não podia falar disso agora.

– Ei. – Ben esticou o braço por cima da mesa para alcançar a mão de May. – Pareces um pouco triste. O que se passa?

May encolheu os ombros, pensando que aquilo era demasiado ridículo para ser discutido.

– Nada, não é nada. Não sei.

– Sabes pois – afirmou ele. – Eu acho que sabes.

– Não, não é nada – repetiu May. – É uma palermice.

– Conta-me.

– Tive um sonho a noite passada. Depois não consegui voltar a adormecer. E, não sei, mas não tenho conseguido parar de pensar nele.

– Estou a entender. – Ben apertou-lhe a mão. Um pequeno afluxo de calor invadiu-lhe o corpo e ela voltou a sentir que era uma afortunada por ser amada por aquele homem. – Então, e o sonho era sobre o quê?

May olhou para o último pedaço de brócolos no seu prato e virou-o e revirou-o com o garfo.

– Não sei – mentiu, com medo de falar sobre o assunto. – Não me recordo.



Nessa noite Ben não adormeceu tão rapidamente como era seu costume. Sabia que May não estava a dizer-lhe a verdade. Pelo menos, não toda a verdade. E preocupava-o que ela se retirasse para dentro dela quando ele estava mesmo ali ao lado e disposto a ajudar. Mas não a pressionou, pensando que era melhor deixá-la contar quando estivesse pronta para o fazer. Virou a cabeça para ver os traços vermelhos e brilhantes do despertador: doze e vinte e um. Já passava da meia-noite. Era o dia oito de outubro. Faltavam duas semanas para o aniversário do seu primeiro beijo. E aquela era a primeira noite em que apagavam as luzes sem fazer amor. May tinha os olhos fechados, porém, Ben sabia que ela não estava a dormir. Sentiu um pequeno afastamento instalar-se entre eles, algo que nunca sentira antes. Estendeu o braço para tocar carinhosamente no cabelo comprido, cerrado e escuro de May, mas o espaço vazio continuava lá. Finalmente, sem saber que outra coisa fazer, Ben fechou os olhos e adormeceu.

Assim que a respiração de Ben ficou mais profunda e lenta, May abriu os olhos. Ainda se sentia culpada por não lhe ter contado a verdade, mas não queria abordar a dor do seu passado, não desejava criar um problema, criar uma preocupação onde talvez não existissem motivos para preocupação. Pela primeira vez na vida de May, aquele último ano havia sido tão perfeito. E não iria suportar se estragasse tudo, principalmente com fragmentos de fantasias. Eram quase quatro da manhã quando May adormeceu finalmente. E começou a sonhar quase de imediato.

Encontrava-se num campo cheio de narcisos e macieiras em flor. Soprava uma brisa suave em seu redor ao mesmo tempo que havia pétalas cor-de-rosa a flutuar pelo ar, a tocar-lhe nas palmas das mãos quando as estendeu para as alcançar. Então, de súbito, à medida que os seus dedos se fechavam em redor das pétalas, tudo desapareceu e ela ficou de pé num baldio. O solo era estéril e despido, com tufos de erva seca espalhados pelo campo vazio. Havia algumas árvores, despidas, os seus dedos esqueléticos estendidos para o céu.

May sentiu um nó de medo formar-se na sua garganta. Olhou para o horizonte e avistou uma figura que caminhava lentamente na sua direção e antes mesmo de ver mais do que um contorno, antes de a figura ser mais do que uma sombra, May percebeu de quem se tratava.



– Rose – sussurrou May, à medida que a mulher se aproximava, exatamente como se lembrava dela: magra e baixa, envergando um fato saia e casaco e um colar de pérolas, com os seus brilhantes olhos azuis e um sorriso enorme a decorar-lhe os lábios.

May pensou no café, nos *flapjacks* de chocolate, no dia em que conheceu aquela mulher que lhe tocou o coração e lhe salvou a vida, e aquela memória brilhou viva na sua mente como se tudo tivesse acontecido no dia anterior.

– Sabia que eras tu – declarou May num tom suave. – Tinha esperança...

– Ai sim? – A velhota sorriu. – Então porquê esta paisagem tão desolada, minha querida? – Fez sinal com a sua pequena mão na direção do baldio. – Porque haverias de evocar algo assim?

– Acho que estava com medo.

– Do quê, minha querida?

– Não sei – confessou May.

– Ora, já chega, então – disse Rose. – Vamos animar um pouco este sonho.

E, nesse mesmo instante, com um estalar de dedos, a paisagem desapareceu e viram-se sentadas no The Cocoa Café, o lugar onde se haviam conhecido há dois anos, na mesa na qual haviam estado sentadas a conversar e a vida de May mudara para sempre.

– Um encontro. – May sorriu. – É uma pena não podermos comer *flapjacks*. Há tanto tempo que não provo um.

– Podemos comer aquilo que desejares, minha querida – declarou Rose com uma pequena gargalhada, o som tinindo pelo ar. – Afinal, este sonho é teu.

Voltou a estalar os dedos e, sobre a mesa, apareceu um prato cheio de *flapjacks* de chocolate. May abriu um sorriso largo e nesse mesmo instante materializaram-se duas canecas de chocolate quente nas mãos de ambas.

– Perfeito – disse May com um suspiro de satisfação.

– Perfeito – repetiu Rose – e é mesmo sobre isso que te vim falar, antes que seja tarde de mais.

– Tarde de mais para o quê? – inquiriu May, de súbito ansiosa. – O que se passa? Pensei que estava tudo bem agora. Segui todos os seus conselhos da última vez. Fui corajosa e compassiva. Vim para aqui; vendi os meus livros; conheci o Ben. Já não levo uma vida infeliz. Estou a ajudar as pessoas. Estou a ser uma luz brilhante num mundo de escuridão, tal como me disse. Já não afogo as minhas mágoas em tanques de chocolate e não desisti da minha vida e da minha identidade por um homem, desde aquele desastre com Jake, quando fiquei toda carente e dependente e permiti que o meu mundo girasse em torno dele até ele ter fugido aos gritos... Bem, eu... eu pensei que estivesse tudo perfeito agora. Pensei que tinha acertado desta vez.

– Oh, não te preocupes tanto, minha querida – aconselhou Rose, dando palmadinhas na mão de May com os seus minúsculos dedos enrugados. – Não há nada de errado ainda, e não precisa de haver nada de errado desde que não te apegues muito a essa ideia de perfeição.

– O quê? – May franziu o sobrolho, completamente confusa.

– Alimentas a ideia, minha querida, de que quando encontras o relacionamento certo ele será «perfeito». Mas isso não é verdade, pelo menos não da maneira como tu encaras a perfeição, como uma vida juntos sem perturbações ou sublevações, concordando com tudo, vendo a vida da mesma maneira e desejando as mesmas coisas.

– Mas... mas... – gaguejou May. – É assim connosco. É assim a minha vida com o Ben. É por isso que eu sei que ele é a minha alma gémea.

– Oh, minha querida. – Rose suspirou e beberricou o chocolate quente. – Desculpa desapontar-te, mas uma alma gémea não é o que tu pensas.

– O quê? – perguntou May, sentindo a ansiedade crescer-lhe na garganta. – Como assim?

– Bem, minha querida – começou Rose, devagar –, tal como a maioria das pessoas à face da Terra, tens uma visão muito reluzente do amor: romance, pôr do Sol, longos passeios na praia e tudo isso. Acreditas que assim que conheceres «o tal», tudo se encaixará no seu lugar. Vocês serão o par ideal. Nunca irão discordar, discutir, sentir-se atraídos por outras pessoas, zangar-se ou desejar magoar o outro. Achas que ser almas gémeas é a total ausência de dor, conflitos, raiva e medo.

– E então, não é assim? – May voltou a franzir o sobrolho.

– Não. – Rose deu uma pequena dentada num *flapjack* de chocolate. – Uma alma gémea não é alguém que nunca te contesta, que concorda sempre contigo e encara o mundo e a vida exatamente da mesma maneira que tu. Uma alma gémea é alguém que te ajuda a crescer, a ter coragem quando estás com medo, a perdoar, a ver as coisas por outro prisma; alguém que é gentil contigo, e sincero, um espelho que não te magoa mas que te mostra a verdade. Para que possam ambos aprender a amarem-se tal como são e a serem, pelo menos grande parte do tempo, o mais felizes, amáveis e compassíveis que conseguirem. E assim, quando às vezes te perderes, ele irá desafiar-te. Se te deixares apanhar pela armadilha do dinheiro e da fama, esforçando-te por obter coisas que te parecem ser fonte de felicidade, ele irá recordar-te...

– Está a dizer que é isso que eu vou fazer? – interrogou May. – Porque eu não acho que assim seja. Creio ter já aprendido todas as minhas lições de vida. Acho que vai correr tudo bem. Já ultrapassei toda a dor, tenho tudo controlado.

– Oh, minha querida! – Rose sorriu. – No minuto em que pensas isso, estás em sarilhos. A vida está sempre a mudar, está sempre a surpreender-nos com novas lições para aprendermos; para o melhor e para o pior, irás reagir e responder a acontecimentos até ao fim dos teus dias. Não és um monge sentado no cimo de uma montanha; és uma mulher de verdade a tentar fazer o seu melhor num mundo incerto e por vezes treloucado. Uns dias serás feliz e centrada e amável; outros serás medrosa e sentir-te-ás perdida e farás ou dirás coisas das quais te arrependerás. É mesmo assim, e nunca acaba.

– Ai, meu Deus – suspirou May. – Oh, meu Deus, pensei...

– Mas não tens de te preocupar, minha linda – garantiu Rose. – Nunca te esqueças de ter compaixão por ti mesma e por toda a gente que, em teu redor, está também a aprender as suas lições; então ficarás bem, aconteça o que acontecer.

– Não estou a entender – disse May. – Se uma alma gémea nos traz tanta dor quanto outra relação qualquer, então qual é o objetivo? Para quê darmos-nos ao trabalho de encontrar alguém que amemos realmente? Mais vale ficar com o primeiro que apareça.

– Oh, nada disso! – exclamou Rose. – Não é a mesma coisa. A dor atroz de estarmos com a pessoa errada é completamente diferente das dores de crescimento que sentimos quando estamos com a nossa alma gémea. Não te preocupes. Não será com o Ben como foi com o Jake, de maneira nenhuma.

May suspirou de alívio e alcançou um *flapjack*.

– Bem, isso é bom, porque não sei se o meu coração iria aguentar outra dor como essa.

– Mas, mesmo assim, tens de estar preparada para as dores de crescimento, para as lições de vida que terão de aprender juntos – explicou Rose. – Não podes evitá-las. Por isso, não resistas às coisas mais difíceis que acontecem. Porque, se tentares meter a cabeça na areia, a dor será ainda maior no fim.

– Então, como é que evito fazer isso? – perguntou May.

– Sê honesta – respondeu Rose num tom firme. – A noite passada mentiste-lhe. Tentaste fazer de conta que estava tudo bem, porque querias que estivesse. Mas, se não és sincera em relação àquilo que sentes realmente, por muito assustador que seja, então, lenta e seguramente, perderás o contacto com o teu coração e com o teu verdadeiro amor.

– Não sei se consigo – revelou May. – Não sei se tenho coragem para isso.

– Oh, minha querida. – Rose voltou a dar-lhe palmadinhas reconfortantes na mão. – Claro que consegues. E, se permitires, o Ben estará ao teu lado. Já tiveram a fase da lua de mel para cimentar o

vosso relacionamento. Agora está na altura de passarem à próxima etapa: ultrapassarem as chamas da autodescoberta, verem-se um ao outro como são na realidade, com os assuntos não resolvidos, os ressentimentos e as contrariedades. Estiveram escondidos sob o primeiro brilho do falso amor, mas não tardarão a aparecer. Terão de o fazer para que possas completar todas as dores não resolvidas que trazes dentro de ti.

May franziu o sobrolho.

– Como o quê?

– Bem, os teus medos secretos de não seres digna de amor – declarou Rose. – O medo de seres abandonada, o medo de que todos os homens acabarão por deixar-te tal como fez o teu pai.

– Mas... mas – tartamudeou May. – Pensei... Pensei...

– Que já tinhas resolvido isso? – Rose sorriu.

– Bem, sim – reconheceu May. – Creio que sim.

– O teu eu tem muitas camadas e há muitas lições na vida que ainda não aprendeste – explicou Rose. – Por isso, lembra-te: não te apegues muito à ideia de uma vida sem desafios e tumultos. Ou terás de fazer de conta que está tudo bem mesmo quando não está, que te sentes feliz quando estás infeliz. E é *assim*, minha querida, que se perde o coração.

May olhou para Rose, tentando não se mostrar assustada.

– E estão para vir outros momentos – continuou Rose – que serão penosos se lhes resistires, se acreditares que a alegria é melhor do que a tristeza, que o indolor é melhor do que o doloroso, que a paz é melhor do que a ira, que a calma é melhor do que a perturbação... Porque, se acreditares que todas as «boas» maneiras de ser são superiores às «más», então não serás capaz de ser sincera contigo mesma ou com os teus sentimentos. Começarás então a fazer de conta, a fingir e a mentir... Julgarás o teu companheiro pela «negativa» e não tardarás a afastar-te. E isso, minha querida, será o princípio do fim.

Por esta altura, May fitava Rose de boca aberta, tendo esquecido o *flapjack* sobre a mesa e já nem sequer se lembrando do bolo.

– Mas eu... eu não quero fazer isso – murmurou ela. – Não quero mentir, julgar, afastar-me e...

– Bem – disse Rose –, então tens de estar disposta a percorrer o caminho, a atravessar jardins floridos e tapetes de brasas. Porque, a verdade é que ainda tens mais feridas para tratar dentro de ti e o Ben irá ajudar-te a trazê-las à superfície. Ele irá fazer-te cócegas e provocar-te e tudo o que está por resolver dentro de ti aparecerá. Mas, se não quiseres senti-lo, se preferires negar toda e qualquer raiva, dor ou ódio dentro de ti, então as cócegas parecerão murros e as incitações irão doer como estaladas.

May já estava de pé e a andar de um lado para o outro no pequeno café, torcendo nervosamente as mãos.

– Mas isso parece terrível, absolutamente horrível. Não quero ter de passar por isso, não quero mesmo...

– Isso é apenas o teu medo a falar, minha querida – garantiu Rose com uma voz calma. – Se te mantiveres forte e determinada neste círculo de fogo, não te irás queimar, prometo-te. Mas se te precipitares para dentro e para fora, não confiando em ti nem no teu amor, então ficarás com marcas que levarão anos a desaparecer.

May parecia em pânico e ficou imóvel.

– Não te preocupes, minha querida, essas cicatrizes desaparecem sempre – garantiu Rose com um

sorriso –, se tiveres a coragem de nunca esquecer que uma verdadeira alma gémea não deve «completar-te», mas sim desafiar-te. Através dos seus atos e da sua maneira de ser, ele irá convidar-te a olhar para as coisas dentro de ti que preferes não ver, mas não são necessariamente coisas más, minha querida, são apenas comportamentos e crenças que podem magoar-nos se não forem resolvidos. E, se o permitires, será um processo maravilhoso.

– A sério? – perguntou May.

– Sim, a sério – afiançou Rose –, desde que nunca deixes de alcançar a mão de Ben, principalmente naqueles momentos em que o que mais queres é dar-lhe uma chapada e fugir. Mas se o culpares por aquilo que ele vê e afirma, acabará por se transformar no processo mais doloroso que alguma vez atravessaste. E se tentares fugir-lhe, então fugirás para o resto da tua vida.

May olhou para Rose com os olhos marejados de lágrimas.

– E de cada vez que tiverem a coragem de enfrentar os vossos medos, de permanecerem juntos e continuarem a amar-se ao mesmo tempo que encaram e ultrapassam as dores de crescimento – explicou Rose –, serão recompensados com a maior dádiva de todas.

– E qual é? – demandou May.

– Bem, o derradeiro propósito da tua alma gémea – explicou Rose – é presentear-te com a dádiva do amor incondicional. Primeiro, amando-te sem te conhecer realmente e em seguida amando-te mesmo depois de conhecer *tudo*. Claro que ele só será capaz de o fazer se tu o fizeres também. É uma coisa muito diferente gostares de ti quando estás feliz, em paz, alegre e calma e outra bem diferente continuares a gostar de ti quando te sentes triste, zangada, perturbada e inquieta. E tu, minha querida May, ainda tens essa lição para aprender. E, se permitires, o Ben irá ensinar-te.

Rose mostrou o seu deslumbrante sorriso e os seus pequenos olhos azuis tremeluziram com compaixão e amor. E logo em seguida desapareceu.

May acordou, o seu coração a bater acelerado, as palmas das mãos suadas, a *T-shirt* colada ao peito. Pestanejou na escuridão tentando recuperar o fôlego. Olhou para Ben que dormia profundamente com um ligeiro sorriso nos lábios. Naquele momento, May sentiu-se impelida a agarrar-se a ele e a nunca mais o largar. No seguinte, a vontade foi de saltar da cama e fugir, sem nunca olhar para trás. Mas acabou por ficar imóvel, quieta, aconchegando-se na almofada e olhando para o teto. Nas cinco horas que demoraram até o Sol nascer, May questionou-se vezes sem conta se, quando chegasse o momento, teria ou não coragem para se manter firme no centro do círculo de fogo ou se acabaria queimada.



MEDO

—Tens a certeza que estás bem? — perguntou Ben, quando May se sentou na beira da cama e lhe estendeu a caneca do café.

Fitou-a quando ela o olhou. Por instantes, May quase disse qualquer coisa, quase lhe contou tudo. Mas tinha medo, de tantas coisas. Que Ben achasse que ela era doída, de criar um conflito, de perder o que tinham juntos. Ao invés, abanou a cabeça.

— Sim, está tudo bem — retorquiu May. — E amo-te.

— Eu também te amo. — Ben beijou-a, sabendo que algo se passava e esperando que May lhe contasse quando estivesse pronta para o fazer. Não queria pressioná-la, não queria afastá-la. Assim, naquele momento, enquanto ambos reprimiam os seus sentimentos em vez de conversarem, a relação foi desviada alguns centímetros da sua rota. Todavia, o desvio foi tão subtil que nenhum deles deu conta do que estava a acontecer.

Nessa tarde, May dedicou-se às limpezas. Era um velho hábito que tinha quando não estava a exprimir-se, embora nunca se tivesse apercebido. Começou pela livraria, aspirando o chão, espanejando as prateleiras e limpando as lombadas dos livros com uma toalha. Já tinha chegado a meio da terceira prateleira da secção de Astrologia, Astronomia & Alquimia quando Ben transpôs a porta da frente. May levantou a cabeça, sentindo a já familiar onda de felicidade que experimentava sempre que o via. Embora desta vez tivesse sentido também uma ligeira ansiedade. Devia falar com ele, contar-lhe a verdade, ser sincera — tal como Rose aconselhara. E era isso que faria; só que ainda não estava preparada para tal.

— Ei, chegaste cedo.

— O tipo não apareceu — disse Ben, referindo-se a um fornecedor ocasional de livros em segunda mão. — Ele arranja bons livros mas é um mandrião negligente.

— Estás a tentar falar como um inglês? — May arqueou uma sobrancelha, sorriu e aproximou-se dele.

— Sim, estou a aprender os teus costumes — zombou Ben. — A perspicaz autocensura, a autoflagelante falsa modéstia, o sarcasmo condescendente...

— Estás a esquecer a nossa superioridade inata e óbvia — acrescentou May com uma gargalhada. — Principalmente em relação a tudo o que é americano.

— Ai sim?

— Mas claro que sim. — May sorriu quando ele se aproximou dela e introduziu um dedo na parte da frente da abertura da camisa, tocando-lhe levemente a zona superior dos seios.

— Ora, ora, parece-me que estás na altura de me ensinares alguns dos teus modos superiores — sussurrou Ben junto ao pescoço dela. — Creio que ainda tenho muito para aprender.

— Pois tens — murmurou May ao mesmo tempo que a língua dele seguia o caminho dos dedos. — Oh, Ben, não, aqui não. Ainda escandalizamos alguma criança, depois fica traumatizada para o resto da vida.

— Achas? — Ben mostrou-lhe um sorriso atrevido. — Porquê? Vamos ser meninos maus e portar-nos muito mal?

– Não, não vamos. Não aqui – disse May com um tom de professora primária.

– Muito bem, então. – Ben estugou o passo em direção à porta, deu uma volta à fechadura, colocou a tabuleta de «Fechado», correu para May e pegou-lhe na mão. – Acho que está na hora de subirmos.

– Tu mandas. – Soltou uma risadinha, interrogando-se se era possível amar alguém mais do que já amava Ben.



Ficaram deitados juntos, o Sol do fim da tarde a descer do outro lado das janelas e a aquecer-lhes a pele descoberta. Na cabeça de May dançavam palavras, formando-se e reformando-se, tentando explicar algo que ela própria não entendia muito bem, tentando descrever um sentimento que ela já experimentara antes, articular um medo que não identificava. Mas entre eles tudo continuava tão perfeito que parecia uma idiotice estragar o que tinham por algo meio imaginado e meio entendido.

Enquanto a observava, Ben sabia que aquele era o momento ideal para perguntar a May o que se passava. E May sabia ser a altura de lhe dizer. Mas tinham ambos demasiado medo de abrir fendas na proximidade que haviam tão cuidadosa e amorosamente criado.

– Amo-te – declarou ela.

– Eu também te amo – disse ele.

Depois vestiram-se, jantaram e viram um pouco de televisão para os distrair do silêncio e da separação que, por esta altura, eram já um pouco maiores, alguns centímetros mais largos do que anteriormente.



No dia seguinte, May não ficou a trabalhar na livraria e, deixando Ben a pintar as paredes da secção de Mistérios Mágicos de amarelo-claro, dirigiu-se para a Baixa para fazer uma leitura num pequeno café. A proprietária, uma cliente regular de Ben, convidara May para entreter os seus clientes uma tarde daquelas e May, sentindo-se encantada com o convite, aceitara de imediato.

O The Tea Cup era uma adorável cafetaria que fazia lembrar um pouco o The Cocoa Café. As paredes estavam decoradas com papel cor-de-rosa e branco às risquinhas e havia confortáveis sofás cremes e cadeiras espalhados por lanudas carpetes. Para May era como entrar numa taça de *marshmallows* coloridos, e ela adorava.

A primeira vez que May fizera uma leitura na livraria de Ben – sugerida e organizada por ele – tinha ido arrastada e aos gritos. Não literalmente, mas quase. Embora May desejasse relacionar-se com outras mulheres, contar-lhes a sua experiência, o que aprendera sobre a vida, amor e perda de peso, ajudá-las no que pudesse, também morria de medo que ninguém aparecesse, ou comparecesse apenas uma pessoa, tornando assim a sua humilhação pública, ou que aparecesse muita gente e todos a detestassem e vaiassem. Acabaram por comparecer sete mulheres, cada uma trazendo o seu exemplar de *Homens, Dinheiro e Chocolate*. Escutaram-na atentamente enquanto ela falava da sua vida, pediram-lhe conselhos e, bastante entusiasmadas, bateram palmas no final. Ao ver as suas expressões de esperança renovada em relação ao amor e à vida, May sentiu-se comovida e deveras encantada. Havia encontrado a sua vocação, a sua forma de retribuir ao mundo, de dizer obrigada por tudo o que lhe havia sido dado.

Naquele dia apareceram cerca de trinta pessoas, enchendo o café até à porta. Espalharam-se pelos sofás e pelas confortáveis cadeiras e algumas tiveram até de se sentar nos tapetes. Estavam todas a beber café, a comer bolos e a segurar o seu livro nas mãos.

– Olá, sejam bem-vindas – cumprimentou May com um sorriso, avançando por entre a multidão até à cadeira que lhe estava destinada. – É uma alegria ver tanta gente aqui hoje.

Quando se sentou, May acenou para Alice, a proprietária, que se encontrava atrás do balcão a servir os clientes. Esta sorriu-lhe e fez-lhe sinal com a cabeça para que começasse.

– É uma honra para mim que tenham vindo e que tenham comprado o meu livro. – May esboçou um sorriso, ainda admirada que as pessoas comprassem algo que ela escrevera e publicara sozinha. – Bem, enquanto apreciam os deliciosos bolos de Alice, pensei em ler-vos o primeiro capítulo do meu livro. Espero sinceramente que gostem.

Vinte minutos mais tarde, toda a gente no The Tea Cup estava a bater palmas e May irradiava alegria. Autografou livros, sorriu, falou individualmente com todos os presentes, deu-lhes conselhos e ajudou-as quando lhe pediram e questionou-se como conseguira chegar até ali.

Mal podia acreditar que ainda não tinham passado dois anos desde que se sentira tão infeliz que mal tinha forças para se levantar da cama de manhã. Quando se sentara no seu café a devorar *croissants* num frenesim de culpa, interrogando-se desesperadamente porque não era capaz de vencer uma guerra de vontades com um bolo de chocolate e tentando não chorar de cada vez que olhava para a sua barriga arredondada que se destacava sob o avental. Quando todos os dias se impunha uma rígida dieta e todos os dias cedia à tentação. Quando tentara escrever, procurando realização nas palavras, mas não conseguia encontrar tempo, nem energia, nem criatividade para fazer outra coisa que não fosse chegar ao fim de cada dia. Quando se apaixonara pelo alto, louro e deslumbrante Jake, aquele que perseguira apesar de saber que ele nunca poderia amá-la, e aquele que afastara com a sua dependência e desespero.

Não podia acreditar que, agora, apesar dos avisos de Rose, tudo isso pertencia ao passado e podia de facto ajudar aqueles que enfrentavam os mesmos problemas que ela derrotara. E tal era o deleite de May, tal era o aprazimento que sentia ao tocar as vidas e os corações de todas aquelas mulheres, que esqueceu por completo as suas preocupações com Ben e o sonho com Rose. E, quando por fim terminou as conversas com os seus leitores e de agradecer a Alice, May decidiu agarrar-se a esse sentimento de satisfação e utilizar o foco de ajudar os outros para afastar todos os seus receios. O que, descobriu com alguma surpresa, até não era muito difícil de fazer.



– Olá, querido. Já cheguei! – gritou May quando entrou no apartamento.

Ouviu-se um enorme estrondo vindo da cozinha e aquilo que parecia o conteúdo de todos os recipientes e armários a estatelar-se no chão. Ben saiu da cozinha a correr, derrapando no chão de madeira e colidindo com May ao mesmo tempo que esta fechava a porta.

– Ena, o que se passa? – May sorriu enquanto ele saltitava de um pé para o outro, os seus enormes olhos castanhos brilhando de excitação.

– Tenho novidades fantásticas! – exclamou Ben. – Absolutamente fantásticas!

– Ai sim? – disse May, ansiando por beijá-lo. – O que é? O que se passa?

– Senta-te. – Ben pegou na mão de May e conduziu-a até ao sofá. – Tens de estar sentada para ouvires isto.

May seguiu-o, interrogando-se o que o deixava assim tão impaciente, desejando que aquele momento durasse para sempre e quase acreditando que seria possível, pouco importava o que Rose havia dito. May sentou-se enquanto Ben ficou de pé à sua frente, apertando-lhe as mãos e saltando de um pé para o outro. Ela fitou-o, expectante e, de súbito, Ben ficou imóvel.

– May – começou num tom suave –, acho que te arranjei um editor.



May andava de um lado para o outro frente ao The Tea Cup, onde combinara encontrar-se com a editora para tomarem café e comerem uma fatia de bolo. Não que ela conseguisse comer fosse o que fosse. O seu estômago fazia um ruído ribombante e, apesar de querer calá-lo, May sentia-se tão nauseada com os nervos que não podia.

Demorara um minuto ou dois a digerir as palavras do namorado. Estas haviam ficado a pairar no ar como colibris, agitando-se brilhantes e deslumbrantes, demasiado longe para serem alcançados. Mas o bater das suas asas ecoava nos ouvidos de May e, por fim, lá foi capaz de se concentrar e de ouvir toda a história. A mulher entrara na livraria de Ben naquela tarde e haviam acabado a falar de livros: aqueles que preferiam, os que tinham lido pelo menos dez vezes, os poucos que nunca haviam conseguido terminar. A determinada altura da conversa, Ben gabara-se da estreia de May na ficção de autor e descobrira que a mulher não só já tinha lido o livro, como o adorara.

– Bem, tem lugar cativo na montra – dissera ele, sorrindo para May – e eu promovo-o pelo menos uma vez por semana.

– Sim, sim, és fantástico e maravilhoso e o melhor namorado do mundo – declarara ela com um esgar. – E o que foi que ela disse em seguida?

Ben explicara que a mulher geria uma pequena empresa, a Insight & Inspiration Publishing, dedicada a livros que ela acreditava poderem ajudar a transformar o mundo, «ou pelo menos os corações e as mentes daqueles que os liam». E achava que o livro de May podia ser um desses trabalhos.

– Quer conhecer-te amanhã – informara Ben. – Se tiveres tempo.

– Se tiver tempo? – guinchara May, saltitando para cima e para baixo no sofá, enquanto Ben ria. – Se tiver tempo?

Haviam dançado por toda a sala e, quando ela finalmente parara de guinchar, May enchera Ben de beijos profundos e suaves que duraram pela noite dentro.



May consultou o relógio e parou de andar. Continuava vinte e três minutos e meio adiantada e se não parasse de andar para cima e para baixo, acabaria por desmaiar antes da editora aparecer. Assim, decidindo entrar, sentar-se e tentar acalmar, May abriu a porta e entrou.

– Vim aqui para me encontrar com uma editora de verdade – explicou May a Alice, que se encontrava atrás do balcão a fatiar um bolo.

– Em oposição a uma falsa e imaginária? – Alice sorriu e serviu-lhe uma fatia de bolo de avelã que, dado o estado alterado do seu estômago, May sabia que acabaria desperdiçado.

– Bem, tem havido uns quantos desses, acredita – argumentou May, recordando-se da sua antiga vida e das incontáveis horas a sonhar acordada e a fantasiar sobre o dia em que veria o seu livro publicado. Fantasias que, claro, também incluíam casar com Jake e poder saciar-se com grandes quantidades de bolo de chocolate sem engordar um único grama.

– Escolhe a mesa junto à janela – sugeriu Alice. – Senta-te na cadeira perto da parede. Dá sorte. Já aconteceram coisas fantásticas às pessoas que se sentaram naquela cadeira. Já teve mais do que a sua conta de pedidos de casamento, deixa-me que te diga.

– A sério? – perguntou May de olhos esbugalhados, o seu coração acelerando ao pensar em Ben. Nunca haviam falado sobre esse assunto, embora ela pensasse nisso e o ansiasse bastantes vezes. Contudo, ficava nervosa ao pensar no tema que podia seguir-se: os filhos. Quando a mãe morreu, May desenvolveu o medo de ser mãe. Preocupava-se com a possibilidade de não ser boa o suficiente, de não saber o que fazer e de o fazer mal e, uma vez que não podia recorrer à sabedoria da sua incrível mãe, temia traumatizar os seus filhos para o resto da vida. E isso nunca conseguiria suportar

– Sim. – Alice serviu-lhe um *cappuccino*. – E agora a cadeira pode ter o seu primeiro contrato de edição. Formidável.

– Oh, bem, ainda não sei – murmurou ela, tentando desesperadamente não alimentar grandes esperanças não fosse dar-se o caso de tudo acabar em desilusão. – Assim o espero e desejo, mas... veremos.



Depois de May se ter acomodado na cadeira da sorte, tentando engolir um pouco de bolo para silenciar o seu ribombante estômago, os dezassete minutos e meio que se seguiram foram os mais intermináveis da sua vida. Bateu com o dedo na mesa, desfez a fatia de bolo numa montanha de migalhas e olhou pela janela, tentando distrair-se do nervoso miudinho que sentia.

Ao meio-dia e dez minutos exatamente, uma mulher esguia com o cabelo curto, louro e brilhante, que lhe salientava o verde dos olhos, entrou no café. Parou antes de chegar ao balcão e olhou em redor da sala. Depois, ao avistar May junto à janela, sorriu e caminhou na sua direção.

– Pela foto na capa do seu livro, presumo que seja a May. – Estendeu a mão. – O meu nome é Olivia Greene, mas pode chamar-me Lily.

May levantou-se, tentando não tremer, apertou a mão de Lily e sorriu.

– É um prazer conhecê-la, Lily. – May obrigou-se a parar de sorrir ou a editora acabaria por pensar que ela era louca e, gentilmente, soltou-lhe a mão, embora desejasse apertá-la mais e até beijá-la.



Meia hora mais tarde estavam as duas a beber café e a conversar, enquanto a luz do Sol brilhava através da janela, derramando sobre elas um brilho quente.

– Lily era o nome da minha mãe – revelou May, por não saber que outra coisa dizer e por estar a pensar nisso desde o dia anterior.

– Recordo-me de ter lido isso no seu livro – comentou Lily, sorrindo –, mas não sabia se era verdade ou não. Interroguei-me quanto da história seria autobiográfico.

– Quase toda – admitiu ela. – Creio que não tenho lá muita imaginação.

– Oh, nada disso – argumentou Lily. – E, de qualquer maneira, é preciso coragem para escrever assim, para expor o coração de modo a que toda a gente o veja.

– Bem, para ser franca – disse May –, nunca imaginei que houvesse muita gente a querer vê-lo. Quando vendi o meu centésimo livro fiquei tão admirada que...

– Sabe – interrompeu Lily a rir –, se quer singrar neste país, o melhor será ganhar um pouco de autoconfiança descarada. Não apreciamos muito a modéstia autorreprovante. Afinal, como espera que os outros acreditem em si se não acredita em si mesma?

– Sim, estou a ver, claro. – May anuiu, bastante preocupada com a possibilidade de ter assustado Lily. – Entendo.

– Ótimo. – Lily recostou-se na cadeira. – Fico satisfeita. É que, sendo o seu livro maioritariamente sobre ensinar coragem e confiança às mulheres, seria um pouco injusto se a sua vida não refletisse também isso. E eu não queria ser a única de nós as duas a acreditar em si.

– A sério? – May arregalou os olhos. – Acredita? Sim, bem, e eu, hum, eu também acredito.

Manteve uma expressão séria até que Lily lhe piscou o olho e desataram ambas a rir ao mesmo tempo. May relaxou depois disso e ficaram à conversa até o The Tea Cup ter fechado oficialmente e Alice se ter retirado para a cozinha para arrumar tudo. Descobriram que partilhavam muitas semelhanças: pessoalmente, emocionalmente, historicamente... Mas, para além de todas as palavras, pairava entre elas uma indizível sensação de ligação, presente desde o momento em que se haviam conhecido e que se foi tornando mais profunda e palpável à medida que a conversa foi avançando. Lily ficou encantada por a jovem autora ser tão encantadora quanto a sua prosa. E May sentiu, pela primeira vez em catorze anos, que havia encontrado alguém que possuía o mesmo espírito da sua mãe.

– É melhor irmos andando – sugeriu Lily, por fim. – Creio que já ficámos mais tempo do que deveríamos.

– Sim – concordou May, sentindo como se estivesse num encontro que não desejasse ver terminar. – Está na hora.

Depois de agradecerem à anfitriã, saíram para a escuridão e para uma rua ladeada de árvores e de luzes decorativas. Deixaram-se ficar mais um pouco no exterior do café a conversar sob o brilho da lua cheia ainda baixa no céu. Quando começaram ambas a tremer com a fresca brisa outonal, lá se despediram com um abraço. Lily atravessou a rua em direção ao seu automóvel e May voltou-se para percorrer os trinta quarteirões até casa, acenando a Alice pelo vidro da montra e esticando os polegares das duas mãos.

Decidiram encontrar-se no dia seguinte no escritório de Lily, onde assinariam o contrato. O livro seria publicado dali a seis meses. Lily pagaria alguns milhares de dólares de avanço a May e pediria uma extensão do seu visto ao abrigo do programa de emprego. Tinha tudo pensado. E dali a seis curtos meses, *Homens, Dinheiro e Chocolate* estaria nas livrarias de toda a América ou pelo menos de parte dela. Agora, milhares de mulheres iriam ter a possibilidade de ler a história de May e de encontrar inspiração e conforto nas suas voltas e reviravoltas. May poderia tocar os seus corações e levar um pouco de alegria às suas vidas. Só de pensar nisso ficava tonta.

Enquanto caminhava para casa, contemplando a Lua por entre as nuvens passageiras, May sentia como

se estivesse a olhar para o pavimento do céu: mármore rachado e luminoso polvilhado com pequenos pontos de luz. E esperava que a mãe estivesse a olhar para ela, a sorrir de orelha a orelha ao testemunhar o dia mais feliz da vida da sua filha.



SABEDORIA

—Fazemos o lançamento do livro aqui – sugeriu Ben. – Não fazemos?

– Claro que sim – replicou May, com uma gargalhada. – Onde mais poderia ser? Este é o único lugar do mundo onde aceitaria fazê-lo, ainda que me oferecessem o Empire State Building.

Ben sorriu.

– Não creio que façam lançamentos de livro lá, mas fico comovido que queiras fazê-lo aqui. Vou convidar todos os clientes que alguma vez tive e todas as pessoas que conheço. Tu fazes duzentos queques e estaremos prontos.

– Ainda mal posso acreditar – comentou ela, brilhando de contentamento. – Mal consigo acreditar.

Faltavam ainda dois meses para o dia da publicação do livro e May não conseguia pensar noutra coisa. As reuniões sobre a capa, sobre as revisões do manuscrito, datas para leituras, digressão e publicidade deixavam pouco espaço para outros tópicos.

Ben foi maravilhoso durante todo o processo. Prestou atenção a todas as preocupações que ela tinha, leu todas as alterações que ela desejava fazer, ajudou a planear eventos e até telefonou para editores de revistas e de jornais quando May tinha vergonha de o fazer. Por seu lado, May continuou a trabalhar na livraria, embora por vezes chegasse tarde e saísse mais cedo para fazer isto ou aquilo relacionado com o livro. Sempre que voava para a rua ou entrava a correr, beijava Ben na bochecha e agradecia-lhe uma e outra vez por tudo o que estava a fazer. Continuava a organizar as suas tardes de bolos e inspiração duas vezes por semana, mas tudo o resto que faziam juntos fora adiado. E ele notava, à medida que as semanas passavam, que ela saía cada vez mais amiúde e mais depressa e já não parava para encostar os seus lábios aos dele. Começou aos poucos a sentir-se empurrado para a orla do mundo de May e só conseguia prender-lhe a atenção se fosse para falar do livro. Mas Ben compreendia que a realização do sonho de uma vida precisava sempre de ser honrada e acreditava que aquela obsessão se transformaria em pura paixão assim que May visse os seus livros nas prateleiras e percebesse que o sonho não era, afinal, uma ilusão. Quando o tivesse feito realmente. Quando se tornasse realidade. Depois Ben imaginou que May começaria a escrever de novo; que voltariam a sair juntos, a fazer amor com mais frequência e até a envolverem-se em conversas que nada tivessem que ver com literatura ou com ajudar a população feminina a resolver as suas vidas amorosas e demais preocupações. E até esse dia chegar ele esperaria. Embora tivesse de admitir que, passados quase quatro meses daquilo, quanto mais depressa esse dia chegasse, melhor.



– Hum, ainda não está muito bem – ponderou May. – E se as letras douradas forem brilhantes e não mate? Já passava bastante da meia-noite. Lily e May estavam há cinco horas a olhar para as provas da nova capa, debatendo ideias.

– Gostei bastante da outra daquele autor – disse May, agitando uma mão frente ao computador. – Aquela com a Lua... Não podemos fazer algo assim parecido?

– Sim, podemos – retorquiu Lily, sonolenta. – Claro que podemos, mas...

– Mas? – May levantou a cabeça.

– E que tal falarmos sobre isso amanhã?

– Sim, está bem, claro. Eu estudo mais capas, vejo os *websites* de outros autores e trago mais ideias. Tem de ser algo bem visível para que as mulheres o tirem das prateleiras e o leiam. – May pensou no seu público das terças e das quintas-feiras à noite. – Caso contrário, é um desperdício, o que seria uma pena. Acredito mesmo que vá tocar muitas vidas, ajudar muita gente. Não quero ser arrogante, porque não tem que ver comigo; é sobre elas. Nunca pensei que fosse possível, mas agora percebo como toca a vida e o coração das mulheres que o leram e... bem, de qualquer maneira, a que horas devo vir amanhã?

– Querida – Lily estendeu o braço por cima da mesa e alcançou a mão de May, apertando-a gentilmente. – Eu aplaudo e partilho os teus sentimentos de querer ajudar o mundo inteiro, é por isso que estou a editar o teu maravilhoso livro, mas corres o risco de veres os teus impulsos altruístas corrompidos pela obsessão e por pensares demasiado em tudo. Para além disso, dado o fascínio de qualquer empreendimento que envolva fama e fortuna, por pouca que seja, é preciso ter cuidado para não nos deixarmos sugar pelo feroz e nada maravilhoso mundo da Comparação, do Controlo e da Loucura. Acho que será melhor desligares-te um pouco. Parares de pensar tanto nisto. Afasta-te um pouco. Porque não tiras uns quantos dias?

– O quê? – May franziu o sobrolho, nervosa. – Porquê? Estou bem. Não estamos bem? Pensei que estávamos bem.

Lily fitou-a com um sorriso carinhoso. May mordeu o lábio, pensativa.

– Mas o que queres dizer com isso? – perguntou ela. – Isso do nada maravilhoso mundo da Comparação, do Con...

– Comparação, Controlo e Loucura – terminou Lily – é o mundo em que se entra quando trocamos a nossa zona de conforto pela arena pública. Paras para examinar o ambiente, olhas em redor para ver quem está no olhar do público como tu. E, se não tiveres cuidado, perdes-te por completo ao queres comparar-te com aqueles materialmente mais bem sucedidos do que tu. Depois, numa tentativa de recuperares a tua sanidade, perdes-te ainda mais por tentares desesperadamente controlar tudo, principalmente aquilo sobre o qual não tens poder nenhum: como a tua popularidade, a quantidade de livros que vendes ou quantos amigos tens no Facebook. Coisas ridículas e vulgares como essas. E passadas algumas semanas instala-se a loucura... E, infelizmente, por essa altura já terás sido tão corrompida que te esqueceste por completo do teu desejo de ajudar as pessoas, afinal a razão pela qual começaste tudo isto.

– Não me esquecerei – garantiu May. – Nem sequer desejo ser famosa. Não imagino coisa mais embaraçosa.

– Sim, minha querida, eu sei que isso é verdade – disse Lily. – Sei que isso é quem tu realmente és, e é uma das muitas razões por que gosto de ti. Mas a fama é uma droga à qual muitos seres humanos imperfeitos, e somos quase todos neste planeta, não são imunes. É como um dose diária de heroína. É quase impossível não ficar dependente.

– Bem, mas... – May parecia quase em pânico. – Mas por certo eu posso controlar essas coisas. Posso

publicitar o meu livro, convidar pessoas para os eventos, fazer leituras, aparecer na televisão, em revistas, e focar-me na *razão* que me leva a fazê-lo e não me perder em...

– Oh, minha doce e querida May – continuou Lily –, eu espero que sim, mas preocupo-me contigo na mesma. É bom que te avise já enquanto ainda és inocente e pura. Porque, se ficares dependente da droga da fama, então irás deixar de ouvir aquilo que eu e o Ben te dissermos. Passarás a ser uma pessoa completamente diferente e não a doce e encantadora May que conhecemos.

– Não – exclamou May. – Não, não posso. Não deixarei que isso aconteça. Nunca. Nem num milhão de anos.

– Acredito que não o desejas, mas esse tipo de drogas consegue corromper até o mais puro. Todos podemos perder a alma e o equilíbrio na busca de coisas como o amor, a popularidade, a saúde, o chocolate... – Lily piscou o olho. – Não escreveste um livro sobre isso?

May esboçou um sorriso.

– Sim, claro, estou a entender. Só penso que, bem, já aprendi essas lições e creio que não voltaria a cometer os mesmos erros.

– Eu sei que irás tentar – afirmou Lily – e sei que escreveste o livro para fazeres algo corajoso e depois para ajudares outras mulheres a resolver problemas semelhantes. Estavas a fazê-lo para autorrealização e não para teres sucesso, o que é maravilhoso. Mas, à medida que percorreres o caminho, fazendo escolhas sobre o que fazer agora e depois, lembra-te sempre de perguntar a ti mesma se é um impulso que brota da pureza do teu coração ou dos desejos e exigências da tua mente.

May recostou-se na cadeira.

– Como assim?

– A mente diz-te o que queres – explicou Lily – e muitas vezes essas coisas são colagens daquilo que acreditas estar errado contigo e com a tua vida. Por isso desejas solucioná-las. Se procuras a fama e a fortuna porque achas que a vida que levas não é boa o suficiente e não acreditas que sejas perfeita tal como és, então tudo terminará em desilusão. Se não conseguires o suficiente, e nunca será suficiente, és infeliz, e se o conseguires, és infeliz também. Porque, como tão bem sabes, a autorrealização pode preceder o sucesso, mas nunca é um produto deste.

– Porquê? – inquiriu May. – Porque funciona assim?

– Porque esses desejos vão contra a sabedoria do coração.

– O que é isso?

– O coração tem desejos verdadeiros que nada têm a ver com fazer de ti uma pessoa melhor ou da tua vida uma vida melhor – esclareceu Lily. – O coração apenas se expressa; não quer mais nada que isso. Deseja apenas ser ouvido. Tocar os outros, apenas isso.

– Sim – disse May –, foi por isso que escrevi o meu livro. Quero dizer, foi como se não tivesse sido *eu* a escrevê-lo, mas o meu coração. Foi como se tivesse saído de mim...

– É isso mesmo. Sabes, quando eu era pequena e vivia em Austin, no Texas – contou Lily com um tom de voz arrastado –, as Escuteiras tinham um lema que repetiam vezes sem conta. Memorizei-o da primeira vez que o disseram porque era a coisa mais bonita que alguma vez escutara. *Aquilo que temos, diziam elas, é a dádiva de Deus para nós. O que fazemos com isso é a nossa dádiva para Deus.*

– Uau! – exclamou May. – Isso é muito bonito.

– É mesmo. Para mim significa que devemos perguntar o que a vida quer de nós com a mesma

frequência com que perguntamos à vida o que queremos dela. Essa é a sabedoria do coração, muito diferente das exigências da mente. E eu tento viver a minha vida dessa forma, sempre que consigo. – Abriu um sorriso. – E que dizes a terminarmos por hoje e a irmos para casa descansar?

– Sim – concordou May, suspirando suavemente. – Parece-me uma excelente ideia.

Nessa noite May enroscou-se em Ben, apertando-o docemente.

– Lamento não estar a prestar-te muita atenção – sussurrou, beijando-o na face. Ben mexeu-se um pouco. – Eu volto para ti. Não vou perder-me no mundo lá fora. Vou manter-me sempre fiel ao meu coração, e ao teu, prometo.



– E se ninguém vier? – May andava de um lado para o outro na livraria, limpando as mãos suadas ao vestido de seda cor-de-rosa-claro. – E se não aparecer viva alma e tivermos de comer quinhentos queques sozinhos?

– Bom – disse Ben –, isso seria uma coisa assim tão má?

May sorriu.

– Estás a brincar, mas olha que isso costumava ser o meu consumo semanal quando geria o café – revelou ela. – E, se fosse agora, rasgaria o meu bonito, mas muito justo vestido e isso...

– Seria uma coisa fantástica. – Ben abriu um sorriso largo e agarrou May, fazendo-a rodopiar uma e outra vez.

Ela soltou pequenas risadinhas enquanto ele a conduzia para a enorme oferta de queques: centenas de bolinhos vermelhos, roxos e dourados a cintilar com a cobertura de açúcar. May passara dois dias na cozinha a criar diligentemente cada um daqueles queques, fazendo entrançados de açúcar, polvilhando com brilhantes, recortando pequenos corações, moedas de ouro e tabletes de chocolate de maçapão, decorando os queques com símbolos do homem, dinheiro e chocolate. Eram pequenos pedaços de perfeição e Ben esperava, mais desesperadamente do que alguma vez esperara por qualquer coisa na vida, que aparecessem duzentas pessoas para os comer.

Esticaram ambos o pescoço em simultâneo quando o sino por cima da porta se agitou e viram Alice e o namorado entrar. Ben murmurou uma pequena oração de agradecimento e desejou que da próxima vez que a porta se abrisse, entrassem vinte pessoas e não apenas duas.



No final, a noite revelou-se um enorme sucesso. Muito para além das melhores previsões de Ben. Havia comparecido mais de duzentas pessoas. Os queques desapareceram todos, o champanhe esgotou e todos os livros foram comprados e autografados. No fim da noite, depois de todos os convidados terem saído, satisfeitos com os bolos, a bebida e as palavras, Lily declarara aquele o melhor e o mais fantástico e bonito lançamento de livro que ela alguma vez publicara.

Quando Ben trancou por fim a porta e May se sentou no chão com um sorriso beatífico estampado no rosto, olharam um para o outro.

– Só gostava que a Faith tivesse vindo – comentou May. – Tenho saudades dela. Teria adorado que ela

aqui estivesse. Mas, para além disso, foi uma noite mais do que perfeita.

– Espero vir a conhecê-la um destes dias, essa tua prima maravilhosamente tresloucada – afirmou Ben.
– Acho que vamos ter de esperar um pouco até voltarmos a ter mais dinheiro. Quando o teu livro for um *bestseller* podes pagar-nos a viagem em primeira classe até à velha e alegre Inglaterra e eu poderei então conhecer toda a tua família.

– Eu se fosse a ti esperava sentado – declarou May com uma gargalhada. – Diria que Faith tem mais probabilidades de se transformar na primeira astróloga-dançarina psicomoderna milionária da Inglaterra.

Ben sorriu

– Bem, veremos. Mas não correu nada mal, pois não?

– Nada mal mesmo. – May suspirou de contentamento. – Aqueles livros, todas aquelas mulheres. Afinal, sou capaz de trazer algo de bom a este mundo.

– Sim – concordou Ben –, e isso é fantástico, mas não te esqueças de mim e de ti enquanto andas por aí a salvar o mundo.

– Claro que não. – May começou a encher Ben de pequenos beijos. – Nunca poderia esquecer-me de ti. Tu és a pessoa mais maravilhosa, mais especial, bonita, espantosa e preciosa da minha vida.

Nesse momento, Ben sentiu uma onda de alegria e de amor tão grande invadir-lhe o coração que não foi capaz de a conter. Pelo menos, só assim conseguiria explicar o que sucedeu em seguida.

– Queres ter filhos? – perguntou de repente, ternamente, com tanto desejo nas palavras que era óbvio que os desejava naquele momento, naquele mesmo instante, se possível.

– O quê? – May fitou-o, em choque.

Ben hesitou. Recuou um passo. Enganara-se. Interpretara mal os sinais. Era demasiado cedo para aquele assunto. Tinha-a assustado. Deu voltas à cabeça tentando encontrar outro tópico de conversa.

– Eu, hum, eu... Não sei – murmurou. – Queria dizer, eu... Bem, queres dançar?

May sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça, aliviada, não sabendo o que teria dito caso a pergunta se tivesse mantido. Ben levantou-se, pegou na mão de May e puxou-a para cima até ela estar também de pé. Puxou-a para si e encostou a mão à seda do vestido. Lentamente, começou a dançar e a murmurar as palavras da canção deles. Ela sorriu, contente por se encontrar nos braços dele, exausta e feliz por ele estar a segurá-la. Ben encostou os lábios ao cimo da cabeça de May e disse para si mesmo que, desde que estivesse a abraçá-la, tudo haveria de correr bem.



PERDÃO

—Vou aparecer na televisão, vou aparecer na televisão! – gritou May, entrando a correr na livraria e aproximando-se de Ben que se encontrava a desempacotar livros nas traseiras. – Acreditas? Eu não acredito! Nem consigo acreditar!

– Isso é fantástico, amor, realmente fantástico – disse Ben, continuando a desempacotar.

May estacou e olhou para ele.

– Não ouviste o que eu disse?

– Creio que toda a gente num raio de cinco quarteirões te deve ter ouvido – retorquiu Ben, fitando-a nos olhos.

– Como assim? – May franziu o sobrolho. – Não devia estar contente? Não são notícias fantásticas? Não entendo porque não estás feliz por mim.

– É maravilhoso e estou muito feliz por ti – garantiu ele, embora não o parecesse. – Então, e quando é o programa?

– Daqui a duas semanas. Lily tinha telefonado a alguns produtores há já bastante tempo e eles de súbito têm uma aberta daqui a três semanas. O programa é sobre mulheres que perseguiram os seus sonhos a todo o custo e os realizaram. Vai ser visto por montanhas de pessoas. É uma ótima oportunidade para passar a palavra, para falar às mulheres sobre o livro, para lhes dar coragem e inspiração para seguirem os seus próprios sonhos. Imagina só; posso realmente fazer algo de bom. É magnífico!

– Sim – concordou Ben. – É mesmo.

May voltou a franzir a testa.

– O que se passa?

Mas desta vez foi Ben quem não teve coragem para ser honesto. Como podia revelar que estava com ciúmes? Soava tão despropositado. Sentia-se orgulhoso de May, por ela estar a realizar os seus sonhos, a seguir as suas paixões. Ficava comovido ao ver que ela se interessava tanto em ajudar outras mulheres que estavam a sofrer aquilo que ela tinha sofrido. Mas isso não o impedia de desejar que May lhe prestasse um pouco mais de atenção. Haviam-se passado semanas desde o lançamento do livro e eles mal tinham conseguido sair juntos. As mulheres vinham procurá-la na livraria, passando horas a contar-lhe os seus problemas e procurando conselhos. De modo a conseguir ajudar mais pessoas, May aumentara as reuniões para quatro vezes por semana. Recebia quantidades incríveis de *e-mails* e ficava acordada até tarde a responder-lhes. Já há bastante tempo que não faziam amor. Porém, sentindo que não seria justo queixar-se, Ben decidiu não dizer nada.

– Nada, estou bem – Ben sorriu. – A sério que estou. E estou muito feliz por ti. É fantástico.

May beijou-o.

– *Okay*, ainda bem. Fico contente.

Claro que ela percebeu que ele não estava bem. Para começar, o sorriso não lhe havia iluminado o olhar. Todavia, May não sabia o que fazer e, para ser sincera, não lhe apetecia ver a sua felicidade

estragada. Assim, infelizmente, May também não disse nada.



Dois dias mais tarde, com os preparativos para o programa de televisão já a decorrerem, com May a praticar frente ao espelho horas a fio o que planeava dizer, Ben teve de a obrigar a sentar-se para jantar. Durante toda a refeição tentou esquecer os nós de medo e frustração que sentia a retorcerem-se no seu estômago. Mas de nada lhe serviu. Não era capaz de comer e mal conseguia olhar May na cara.

– O que se passa? – perguntou ela, por fim, incapaz de ignorar durante mais tempo aquela situação. – Qual é o problema? O que foi que eu fiz? E não digas «nada».

– Não é só sobre ti – respondeu Ben, tentando permanecer calmo, mas sentindo toda a frustração acumulada ao longo dos meses a borbulhar dentro dele. – Espera, lamento, mas não é verdade. É tudo sobre ti, o tempo todo.

– E o que queres dizer com isso? – May enrugou a testa.

– Oh, eu acho que é bastante óbvio. Passei os últimos seis meses a ouvir-te falar incessantemente do livro, não pensando em mais nada – atirou Ben. – Só pareces querer saber das mulheres que podes ajudar, dessas estranhas que precisam de ti. O que é muito virtuoso da tua parte, mas...

– Estou a tentar fazer algum bem ao próximo – interrompeu May. – Quero dar algo de volta por tudo o que recebi. Como pode isso ser mau?

– Não é – afirmou Ben –, e eu sei que pareço egoísta, mas pouco me importa. Eu sei que estas mulheres precisam de ti, mas eu também preciso de ti. Sinto que estou a perder-te.

May fitou-o completamente em choque.

– O quê? Não estás a perder-me. Isto é apenas algo que eu preciso de fazer. Não será para sempre. Apenas...

– Ai não? – inquiriu Ben. – E quando pensas que vai parar? Quando tiveres salvado o mundo todo?

– Não, claro que não – retorquiu May, embora não conseguisse saber se alguma vez ia parar. Alguma vez os seus esforços seriam suficientes? Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro na cozinha. – Escuta, sempre acreditei que isto era o que as pessoas apaixonadas faziam, que os parceiros no amor faziam. Pensei que se apoiavam um ao outro, que se importavam com outras pessoas para além deles mesmos. Não é esse o objetivo do amor?

– Sim – declarou Ben –, e foi isso que fiz, e *faço*. Pelo menos durante os primeiros meses, e nestes últimos confesso que tem sido cada vez mais difícil, e agora começo a questionar-me se isto voltará alguma vez a ser sobre «nós» ou será sempre sobre os outros e sobre ti.

– Ora, não digas isso – argumentou May. Embora percebesse que estava a ser defensiva e insensível, sentia-se ameaçada e não conseguia evitá-lo. – Durante séculos as mulheres não fizeram outra coisa que não fosse apoiar os homens, ficar ao lado deles, escutando e ajudando em tudo, subjugando-se por completo... e quando se pede a um homem que faça o mesmo, ele não é capaz, *pois não?*

– Ei – replicou Ben num tom suave. – Não se trata disso, nada mesmo. Não quero que faças isso. Sei bem que não foi justo. Sei que a história não foi justa com as mulheres, mas não é assim connosco, não é a isso que me refiro. Não tem que ver com sermos iguais; mas sim com estarmos ligados, conhecermos-nos um ao outro intimamente, mas tu há séculos que não me perguntas o que penso ou o que sinto. E já

nem sequer me lembro da última vez que fizemos amor.

– Não sejas tolo – atirou May. – Foi na última, foi...

– Sim? – interrogou Ben, triunfante. – Foi quando?

– Oh, pelo amor de Deus, o sexo é a única coisa que importa?

May parou de andar de um lado para o outro, colocou as palmas das mãos sobre a mesa e olhou para Ben fixamente, o seu rosto afogueado de raiva. Bem lá no fundo sabia que não estava a ser razoável e que Ben até tinha razão, mas isso ainda a deixava mais furiosa.

– Já uma vez desperdicei o meu amor e a minha vida num homem! – gritou May. – Desisti de tudo o que gostava e desejava e transformei-o na razão pela qual me levantava de manhã. E depois acabou tudo em desilusão...

– Oh, sim. – Ben suspirou. – O famoso e fantástico Jake, o tipo que te destroçou o coração e deixou-me a mim a apanhar os pedaços...

– Cala-te! Está calado! – bradou May, recordando-se de como se sentira desesperada, vazia e perdida, como se o seu interior, o seu âmago, se tivesse desfiado, torcendo-se e contorcendo-se numa louca e vã tentativa de se manter agarrado a Jake. E como, quando ele finalmente a deixara, ela se despedaçara por completo, sentindo-se sozinha e desamparada, depois de ter perdido o seu amor e a si mesma. – Esse foi o maior erro que cometi na vida e não voltarei a fazê-lo. *Okay?* Nunca mais voltarei a fazê-lo!

May lançou um olhar indignado a Ben e ele devolveu-lhe um olhar semelhante. Sem saber que outra coisa dizer ou fazer, May virou costas e saiu da cozinha. Momentos mais tarde, Ben ouviu a porta da frente bater.



Ali na rua, com o coração a bater acelerado e as lágrimas a correrem-lhe pela face, May sentiu uma onda de arrependimento invadir-lhe o coração. Queria correr para Ben e aninhar-se nos braços dele. Porém, também sentia medo. Não iria aguentar cometer com Ben o mesmo erro que cometera com Jake. Não acreditava que o seu coração sobrevivesse a outra desilusão semelhante, embora May soubesse que Ben não era igual a Jake, embora tivesse a certeza que ele a amava de verdade, toda ela, mesmo quando estava a ser dependente e neurótica, amava-a acima de tudo. Racionalmente sabia tudo isso, mas, lá no fundo, continuava com medo.

Assim, deixou-se ficar na rua e, incerta quanto ao que fazer em seguida, começou a andar. Após cerca de uma hora, parou e olhou em redor. Estava numa vizinhança que não conhecia, um pouco mal cuidada mas engraçada, com peculiares butiques espalhadas pela rua. A maioria necessitava de uma pintura e de alguma cor, mas até parecia um lugar seguro para recuperar o fôlego, um lugar seguro onde parar para pensar um pouco. May deu mais uns passos e encostou-se contra a moldura da porta de uma antiga loja de doces que falira mas que ainda exibia os produtos na montra: frascos de vidro com rebuçados, gomas, pastilhas e chocolates. May olhou para a montra durante alguns minutos. Suaves memórias da infância afloraram-lhe à mente e, por breves instantes, tinha novamente sete anos, agarrada à mão da mãe e a espreitar por cima do balcão para as fileiras de cores que a saudavam: doces de todas as formas e feitios dos quais ela poderia escolher apenas um e apreciá-lo, com dedos peganhentos e lábios a brilhar de açúcar, no caminho para casa.

May desviou a sua atenção da montra e olhou para o letreiro que dizia «Doce QB» escrito em letras arredondadas e que rangeu com uma rabanada de vento. Enquanto o mirava, May ponderou se devia ou não continuar a andar, mas, por alguma razão, a sua vontade era ficar. Assim, sentou-se no chão, por entre a confusão de caixas de cartão amarrotadas e os variados invólucros peganhentos de doces, ainda demasiado aborrecida com Ben para se preocupar com a imundície.

Nesse momento, um restolhar a alguns metros de distância fez May endireitar-se. Viu surgir um homem por baixo daquela pilha de caixas de cartão. May fitou-o, de olhos arregalados. Ele não a olhou e começou a tirar pequenas bolas de borboto das calças. May desviou a cara, fixando a sua atenção no outro lado da rua, todo o seu corpo muito rígido. A sua vontade era levantar-se e desaparecer o mais rápido possível, contudo, tinha receio de ofender o homem ou, pior, incorrer na sua fúria. Assim, deixou-se ficar muito quieta, esperando pela melhor altura para sair dali.

Por fim, quando todo o borboto estava arrancado, o homem virou-se para ela.

– Quem é a menina? – quis saber.

– Desculpe. Não queria perturbá-lo. Eu estava só, só... – May procurou a palavra mais próxima da verdade – a descansar. Vou-me já embora.

May preparava-se para se levantar, mas o velho fez-lhe sinal para que se deixasse estar.

– Deixe-se ficar, por favor. – O sem-abrigo estendeu a mão. – Chamo-me Harry.

Ela apertou-a e respondeu:

– Eu sou a May.

– Então, May, o que faz uma jovem senhora num lugar como este?

– Oh! – Olhou em redor. – Não sei, não me pareceu um mau lugar para se estar.

– Bem, sim, é um dos melhores lugares da cidade. A maioria das vezes é a minha casa, mas não me parece que possa ser a sua.

– Eu, bem, sabe... – Mas May estava demasiado cansada para mentir, por isso optou pela verdade. – Tive uma discussão horrível com o meu namorado. Saí de casa e não sabia o que fazer. Dei por mim a andar...

– Ora, é uma reação muito natural ao conflito: a resposta lutar ou fugir – disse Harry. – Embora nem sempre ajude muito.

– Sim – admitiu May. – Também já percebi isso. Estava tão aborrecida que não aguentei. Só queria que tudo desaparecesse, por isso... acho que desapareci eu.

– Sabe, em cinquenta e um anos de casamento – revelou Harry, esticando as pernas –, a minha mulher e eu, bem, também tínhamos as nossas desavenças, mas fazíamos questão de nunca deixar que as nossas zangas durassem mais do que meia hora. Contado ao minuto. E nunca duravam mais do que isso. Fazíamos sempre as pazes rapidamente, deixávamos... o que quer que tivesse acontecido... desaparecer e voltávamos a escutar-nos e a amar-nos um ao outro. Assim, nunca tínhamos a possibilidade de infligir danos irreparáveis. E, na verdade, nem sequer precisávamos de meia hora, ainda que quiséssemos continuar a discutir. E no dia seguinte mal nos recordávamos do que nos tinha aborrecido. Engraçado, não é?

– A sério? – May fitou-o, incrédula. – Isso é fantástico.

– Sim, foi assim enquanto estivemos juntos. A Edith era a minha vida. – Harry sorriu com uma expressão melancólica. – A minha razão de ser feliz. Trabalhávamos juntos todos os dias e nunca

passámos uma noite separados.

– Uau! – exclamou May. – Isso é... uau!

– Esta era a nossa loja. – Harry apontou para a «Doce QB» e soltou um pequeno suspiro. – Tive de voltar a hipotecá-la quando a Edith adoeceu. O seguro de saúde não cobria as despesas. Depois... foi o banco que ficou com ela o ano passado; três meses após a morte de Edith.

– Oh... oh, que pena – balbuciou May com lágrimas nos olhos. – Lamento. Lamento muito.

Harry riu.

– Tive mais amor em toda a minha vida do que a maioria das pessoas em vinte vidas. Fui sempre o homem mais sortudo que conheci. Agora o inverno da minha vida veio repleto de perdas. Mas, no geral, dada a vida que levei, sou ainda um dos homens mais sortudos à face da Terra.

– Isso é muito bonito – comentou May, sentindo os ombros relaxar e alguma da tensão desaparecer. – Mas não é apenas sorte, pois não? Ter um amor assim, quero eu dizer. Deve ter trabalhado muito para o conseguir manter.

– Oh, não nos esforçámos assim tanto – retorquiu Harry. – Tínhamos apenas atenção a algumas coisas. Fizemos algumas promessas um ao outro e não as quebrámos. Apenas isso.

– Como o quê? – indagou May, antes de se aperceber que podia estar a ser indelicada. – Se não se importa que eu pergunte.

– Oh, claro que não. – Harry sorriu. – Fico sempre feliz por poder ajudar uma donzela em perigo.

May corou um pouco na escuridão.

– Primeiro, sempre dissemos a verdade um ao outro, por mais assustadora que parecesse. E era sempre a nossa verdade, do nosso ponto de vista. Responsabilizávamo-nos pelo que sentíamos por dentro; não culpávamos o outro por isso.

May pestanejou, tentando entender.

– É aí que muitos casais erram, sabe? Culpam os seus parceiros por aquilo que sentem – explicou Harry. – É o mais fácil de fazer. Principalmente porque os nossos companheiros sabem exatamente o que dizer para nos ferir, para nos deixar tristes ou irritados. E quando o fazem, e reagimos, culpamo-los. Então eles defendem-se e dali a pouco estamos a discutir.

– Mas é mais ou menos culpa deles, não é? – demandou May. – Quero dizer, se tentam magoar-nos ou irritar-nos de propósito...

– Oh, mas sabe, «culpa» é já um conceito de luta; já é colocarem-se em equipas adversárias ao invés de na mesma equipa. Estou a sugerir que se nos responsabilizarmos pela forma como nos sentimos, então não reagiremos às pessoas da mesma maneira; seremos capazes de vê-las sem ódio ou censura e assim conseguiremos compreender a *razão* pela qual estão a tentar magoar-nos. Então, seremos capazes de ajudá-los a melhorar, e a nós, e até toda a relação.

– Muito bem. – May sorriu. – Creio que é uma boa maneira de ver o problema. Eu...

– É a *única* maneira – declarou Harry. – Se quer mesmo viver uma vida ao invés de travar uma guerra. Se deseja sentir-se amada e abençoada, então é a coisa certa a fazer. Claro que nem toda a gente o faz. Algumas pessoas apreciam as discussões, mas isso é lá com eles.

– Eu sei que hoje não procedi bem – admitiu May. – Acho que já há algum tempo que estou errada. Só que... Envolvi-me um pouco nas minhas próprias coisas e esqueci-me dele. E queria ser independente, e não me perder numa relação, como já fiz uma vez, mas acho que desta vez me excedi no contrário.

– Bem, é aí que entra o perdão – explicou Harry. – E a empatia, e a compaixão. Tudo ingredientes essenciais em qualquer casamento.

May assentiu.

– Sim, suponho que sim. Não que sejamos casados.

– Ah, a viverem em pecado? – Harry arqueou uma sobrancelha, fingindo estar chocado. – A Edith e eu sempre demos um ao outro o benefício da dúvida. Não encarávamos o comportamento do outro como algo pessoal e deixávamos as coisas passarem quase antes de acontecerem. Assim, se eu estava de mau humor, ela simplesmente esperava que me passasse. E se ela estava mal-disposta, se fosse indelicada comigo, a primeira coisa que eu fazia sempre era perguntar-lhe o que se passava.

– Isso é maravilhoso – elogiou May. – Não admira que fossem tão felizes.

– Decidimos apenas que o nosso relacionamento estava em primeiro lugar – comentou Harry –, o que significava que ambos saíamos a ganhar. Mas, quando se discute, um de vocês acaba por perder. O que, em última análise, quer dizer que ambos perdem.

May voltou a assentir com a cabeça, pensando em como deixara Ben em casa, como tentara magoá-lo só porque se sentia magoada.

– Quando se fala de perdão, nunca se esqueça do seguinte – continuou Harry. – Num casamento, ou em qualquer outra relação, ambos os parceiros têm o seu ponto de vista; ambos acreditam estar certos. Caso contrário não haveria discussões. Por isso, pode sempre recorrer à empatia e à compaixão para impedir uma disputa antes mesmo desta ter início. Quando o seu companheiro está a agir de forma pouco simpática pode experimentar perguntar porquê em vez de partir de imediato para a defesa. Se uma pessoa geralmente amável está a gritar, ou a ser indelicada, isso acontece porque está a sofrer ou não consegue expressar-se de outra maneira.

May suspirou.

– Quem me dera ter feito isso esta noite. – Começou nesse momento a perceber o quanto se perdera e o quanto negligenciara o seu relacionamento por causa da obsessão numa causa pessoal.

– Não se esqueça de se perdoar a si mesma – aconselhou Harry, com um sorriso –, ou acabará por voltar a castigar o seu namorado. Afinal, não há nada mais deprimente e pouco atraente do que a autoaversão, não é?

May sorriu também.

– Sim, isso é verdade.

Enquanto o observava, Harry começou a levantar-se, encostando-se à parede para ter algum apoio.

– E agora, minha querida – disse ele –, tenho de ir andando.

– Tem? – interrogou May. – Porquê? Para onde?

– Há muito que a generosa proprietária de uma pequena *patisserie* na Height Street me oferece o jantar – explicou Harry – e não fica bem chegar atrasado.

– Oh, sim, claro – gaguejou May. – E eu também tenho de regressar a casa. Devo a alguém um pedido de desculpas.

– Isso é fantástico. – Harry estendeu a mão. – Desejo-lhe tudo de bom.

– Obrigada – agradeceu May, tentando adiar a despedida, não desejando vê-lo partir. – Obrigada por tudo.

E, de súbito, invadida por uma enorme gratidão e não sabendo de que outra forma a expressar, May

levantou-se de um pulo, agarrou-lhe a mão e beijou-o em ambas as faces, feliz por ele lhe ter salvo a vida. Ou, pelo menos, remendado o coração. Depois abraçou-o e, enquanto o apertava, despejou todo o dinheiro que trazia consigo para os bolsos do homem.



Se estivesse em forma, May teria corrido os trinta quarteirões até casa. Assim, estugou o passo, correndo com passos miudinhos sempre que conseguia. Escancarou a porta da frente a arfar, subiu a escada em caracol a correr e entrou na cozinha, onde encontrou Ben ainda sentado à mesa, a olhar para o vazio.

– Desculpa, peço muita desculpa, querido – pediu May, quando ele levantou a cabeça. – Não sei o que me deu e tu estavas certo, eu deixei-me envolver demasiado e perdi a noção de tudo...

Ben sorriu e abriu os braços e May, questionando-se por momentos se ele teria presenciado psiquicamente o seminário sobre perdão de Harry, rodeou a mesa e enterrou-se nos braços dele, por pouco não o atirando para o chão.

– Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te – declarou ela, beijando-o na cara, no pescoço, no cabelo...

– Eu também te amo, sua doida – disse Ben, às gargalhadas. – Bem-vinda.



FAMA

May estava de volta e, nas semanas que se seguiram, tudo correu bem. A vida retomou a sua normalidade e May concentrou todos os seus esforços em estar de facto com Ben quando estava com ele, ao invés de se deixar distrair com pensamentos sobre o livro e sobre o programa de televisão. Claro que, sendo a vida um processo de aprendizagem, nem sempre conseguia. Porém, sempre que Ben via May ficar ausente, perdida em fantasias do futuro, chamava-a gentilmente de volta dizendo algo engraçado ou dando-lhe magníficos e apaixonados beijos que a deixavam sem saber qual o dia da semana.

Parecia que nada poderia abalar o seu relacionamento. Mas então, como quase sempre acontece, o desafio seguinte não tardou a aparecer. Se ao menos, May pensaria mais tarde, o programa de televisão tivesse ocorrido depois. Se ao menos não tivessem de cimentar a recém-descoberta confiança, indulgência, compaixão e empatia entre eles. Se ao menos não tivesse cometido o mesmo erro duas vezes. Mas, claro está, a vida não funciona com «se ao menos» e quiçá seja melhor assim ou dar-nos-ia boas razões para nos perdermos a toda a hora em arrependimento.

À medida que o dia do programa de televisão se aproximava, May e Ben andavam de um lado para o outro sem fazer grande coisa, praticando o amor verdadeiro perante a imperfeição, sem terem a menor ideia de como iam ser atingidos. Era uma manhã bonita. O sol entrava pelas janelas e May, incapaz de dormir com os nervos que sentia, levantara-se mais cedo para fazer café fresco e scones de mirtilo, embora não fosse domingo. Tomaram o pequeno-almoço juntos, May excitada e amedrontada com a sua iminente aparição na televisão nacional e Ben orgulhoso e tranquilizando-a que tudo iria correr bem e que ela iria estar maravilhosa.

Três horas e doze mudanças de vestido mais tarde, já iam a caminho da cidade no *Volkswagen* Carocha preto e creme de Ben.

- Ei, *bichana*, a que horas chega a Lily ao estúdio? – perguntou ele.
- Uma hora antes do programa – respondeu May ao mesmo tempo que roía uma unha. – Vai ser uma tragédia. Não me vou recordar de nada. Nem sequer me lembro porque estou a fazer isto.
- Porque escreveste um livro fantástico, inspirador e apaixonado, que está a mudar a vida das pessoas – lembrou-a Ben com um sorriso animador – e queres falar dele ao máximo de pessoas possível.
- Oh, sim, isso – retorquiu May, esboçando também um pequeno esgar. – Agora me lembro: «O que temos é a nossa dádiva de Deus. Aquilo que fazemos com isso é a nossa dádiva para Deus.»
- Exatamente – confirmou Ben. – E explicas isso ao mundo quando tiveres oportunidade? Dizes-me o que tens ensaiado este último mês.
- *Okay*, certo, sim. – May riu. – Bem, que acredito em milagres e em magia e que existem em nosso redor... Que a vida toma conta de nós, se a deixarmos. Que não entendo as tragédias, mas acredito que grande parte do sofrimento pessoal é criado por nós mesmos. Vou dizer que acredito na coragem, na compaixão e nas relações pessoais, com colheres compridas, e que dar alegria a outro ser humano é a

maior satisfação que alguma vez teremos. E que foi isso que sempre quis fazer com o meu livro.

– *Colheres compridas?* – perguntou Ben. – Isso é novo. Acrescentas-te?

– Oh, sim, acrescentei. – May sorriu e explicou. – Bem, ouvi em tempos uma história de um guru inspiracional. Falava do céu como um sumptuoso jantar, cada convidado possuindo uma colher comprida com a qual não conseguia comer, mas podia alimentar a pessoa sentada à sua frente. Assim, toda a gente tem de alimentar os outros. Recordo-me de pensar que era uma metáfora maravilhosa sobre as relações pessoais, tomar conta dos outros e a alegria que isso traz.



Ben mantinha os olhos fixos na estrada, sorrindo para si mesmo e interrogando-se se era possível amar a mulher sentada ao seu lado mais do que já amava naquele momento.

Seis horas mais tarde, estavam de volta ao centro de São Francisco, de mãos dadas pelo passeio a caminho de um jantar romântico.

– Estive bem, não estive?

– Estiveste magnífica, absolutamente magnífica.

– Tens a certeza? – interrogou May. – Tens a certeza?

Ben puxou-a para ele e beijou-a.

– Sim, pela milionésima vez, tenho a certeza.

– Acho que me lembrei de dizer tudo o que desejava – afirmou May. – Falei bastante sobre a coragem, não foi? Talvez até um bocadinho de mais, e de ter compaixão por nós mesmos, e de como encontrar a nossa paixão na vida é a melhor dieta que existe... O quê mais? Oh, sim...

Enquanto May falava, Ben tocou na pequena caixa com o anel que levava no bolso das calças. Já a trazia consigo há três dias e três noites e interrogou-se se aquela seria a noite. Pensou que talvez devesse esperar até ao dia seguinte, pois aquele jantar era para comemorar a primeira aparição de May na televisão. Mas talvez um pedido de casamento fosse o final perfeito para um dia perfeito. Pelo menos assim o esperava.

– Em que estás a pensar?

– Hã, o quê? Ah, desculpa. – A pergunta de May trouxe Ben de volta para a realidade. – Nada de especial.

– Eu não estou nada bem – declarou ela com um esgar. – Sinto-me tão feliz que mal posso acreditar. – Virou-se para ele. – Sabes, decidi que não quero ser uma escritora de *bestsellers* multimilionária

– Ai não? – Ben arqueou uma sobrancelha.

– Não – continuou May. – Quero dizer, adorava que um milhão de pessoas lesse *Homens, Dinheiro e Chocolate* e que as inspirasse a todas. Mas não quero ser rica e famosa. Não quero ser consumida pelo mundo da Comparação, do Controlo e da Loucura...

– O quê? – Ben franziu o sobrolho, questionando-se sobre o que estaria ela a falar e quanto perdera da conversa enquanto estivera a matutar no pedido de casamento.

– Oh, é só uma coisa que a Lily disse... – esclareceu May. – Seja como for, adoro a vida que tenho, contigo. Tomar conta da livraria, quem sabe poder ajudar as mulheres que me procurarem, saber o que é real e aquilo que interessa de verdade. Acho que também não seria capaz de lidar com a fama e com a

fortuna. Pelos vistos, é um pouco como a heroína: provamos um pouco e, quando damos por nós, estamos envolvidos num mundo irreal onde a única coisa que importa é o sucesso, a aparência, ser melhor e mais inteligente que toda a gente. – May recordou-se dos dias em que passava horas infinitas no sofá a comer caixas e caixas de bolachas e recipientes de gelado. – E, se pensarmos como eu costumava ser com o chocolate, creio que não teria a mínima hipótese com a heroína. Ou com a cocaína...

Ben agarrou a pequena caixa, preparando-se, pensando que aquela podia ser a altura ideal. Esperaria até que ela terminasse de falar.

– Talvez algumas pessoas consigam lidar bem com isso, sem perderem o coração e a cabeça, mas eu duvido que fosse capaz. Quero dizer, testemunhámos isso o mês passado, como sou quando me perco em alguma coisa. – Sorriu. – Na verdade, o melhor será teres cuidado comigo, desconfio que tenho uma personalidade com queda para a dependência. Devias ter-me visto em Inglaterra quando me sentia um verme e comia todas as bolachas, *croissants* e bolos de chocolate que apanhava...

Ben pigarreou e abriu a boca para falar. Mas, antes mesmo de conseguir dizer fosse o que fosse, May reparou que haviam chegado ao restaurante.

– Ena, já chegámos – anunciou ela com um sorriso satisfeito. – Tenho tanta fome que era capaz de devorar um bolo de chocolate agora mesmo.



Entraram em casa às gargalhadas e completamente saciados.

– Eu nunca disse que tinha os dedos dos pés gordos – protestou May, com pequenos risinhos. – Estás a inventar.

– Ai disseste sim. Lembro-me de teres agitado os dedos quando o referiste.

– Ora, como o programa era em direto, é a minha palavra contra a tua – argumentou ela. – E eu prefiro acreditar na minha.

– Ah, não te disse? Eu gravei o programa. – Ben correu para a sala onde estava a televisão. – Por isso, agora, saberemos a verdade.

May correu atrás dele e caíram ambos no sofá. Ela apertou a barriga, a rir às gargalhadas.

– Ai, comi demasiado. Se desatar outra vez a rir sou bem capaz de vomitar.

– Nem penses! Não no meu sofá vermelho de pele – advertiu Ben. – Ei, May, queria perguntar-te uma coisa.

– Okay. – E sentou-se, nem sequer desconfiando do que se tratava. – Sou toda ouvidos.

Nesse instante, os seus olhos pousaram na tremelicante luz vermelha do atendedor de chamadas.

– Oh, meu Deus, temos sessenta e três mensagens!

– O quê? – Ben sentou-se e espreitou para a máquina. – Mas quem...?

– Talvez sejam de amigos que me tenham visto hoje na televisão. – May exalou um pequeno suspiro. – Credo, que embaraçoso. – Embora secretamente se sentisse bastante lisonjeada. – Ei, quem sabe a Faith ligou! O que me lembra que tenho de lhe telefonar. Mas, desculpa, o que querias dizer?

– Pode esperar um minuto. Vamos ouvir as mensagens primeiro. – Ben carregou no botão.

E nos dez minutos que se seguiram escutaram mensagens de assistentes de todas as editoras, revistas, jornais e produtores de televisão de São Francisco e não só. Todos haviam visto, ou pelo menos ouvido

falar, do programa e queriam falar. Tinham *adorado* o título do livro. Tinham *adorado* a história de May. E, claro, tinham *adorado* May. Depois de ouvirem cada mensagem, Ben e May viraram-se um para o outro.

– Uau – dizia ele.

– Uau – dizia ela.

– É fantástico! – exclamou Ben. – O que planeias fazer?

May encolheu os ombros como se não tivesse antecipado nada daquilo, como se não estivesse a pensar nisso, como se não fosse muito importante para ela.

– Não faço ideia.

Ben sentiu um pequeno ataque de pânico crescer dentro dele. Tentando ao máximo não o demonstrar, rezou para não voltar a perdê-la.

– E então...

– Bem, creio que devia ligar-lhes – ponderou May. – Quero dizer, era educado da minha parte, não achas?

– Acho.

– E talvez até não fosse má ideia arranjar um agente. Que te parece?

– Parece-me bem.

– E quiçá valesse a pena fazer um pouco mais de publicidade ao livro – meditou ela. – Ou seja, passar a mensagem ao maior número de mulheres possível.

– Claro.

Ben levou a mão à caixa que tinha ainda no bolso. Percebia que ela estava completamente deslumbrada com toda aquela atenção. Que estava a apreciá-la. E que começava aos pouco a atingi-la. May estava feliz. Embora tentasse relativizar tudo, estava claramente arrebatada. E Ben apercebeu-se que a sua pequena declaração de amor não ia acrescentar grande coisa aos acontecimentos do dia. Aquela não era a altura ideal. Teria de esperar um pouco mais.



O mês seguinte voou numa agitação de telefonemas, reuniões, entrevistas, leituras, comparências e sessões de autógrafos. Ben e May viam-se cada vez menos e a distância entre eles aumentou. May, embora o negasse para si mesma, foi ficando cada vez mais absorvida pelas exigências da sua recente fama. E Ben começou a sentir que o seu relacionamento havia degenerado em algo semelhante a uma festa em Hollywood, com ele a tentar chamar a atenção de May enquanto esta lançava olhares por cima do ombro para ver se alguém mais importante tinha entrado na sala.

Ao início May não se apercebia disso e Ben não o referiu. Esperou que passasse, esperou que May se mantivesse fiel ao seu mundo. Esperou que a atração exercida pela fama e pela fortuna provasse ser mais fraca do que o amor dela pela vida que levavam juntos. Mas, infelizmente para ambos, Ben subestimou o poder da droga que seduzira May. A sua adição voltara, mas desta vez a natureza sedutora da atenção e da adoração era bem mais forte do que o chocolate.

Não aconteceu de imediato. Durante algum tempo May manteve-se centrada no seu coração, interessada em passar a mensagem de coragem e compaixão e em ajudar as mulheres com os seus problemas. As

primeiras entrevistas correram bem. As primeiras fãs não viraram a cabeça de May. As semanas iniciais de interesse crescente, de elogios e vendas astronómicas do livro não desviaram May do seu centro. Continuava a sentar-se na cozinha com *Doughnut*, a ler o jornal local, a corar e a ficar envergonhada sempre que via a sua fotografia. Continuava a levar café a Ben todas as manhãs e a beijá-lo. Ainda tinha tempo para se sentar à sua secretária a responder aos pedidos de ajuda e a contemplar a magnífica vista de São Francisco.

Mas nada disso durou muito. A estabilidade da relação não aguentava a corrente que estava a sugar May lentamente. O seu âmagô, a sua intuição, o seu sentido do eu – estavam ainda demasiado maleáveis para May sentir os pequenos toques que a alertavam contra a natureza caprichosa, e falsa intensidade, da fama e da fortuna. E quando May percebeu a ilusão daquilo a que entregara uma parte da sua alma, já era demasiado tarde. Desejava-o demasiado. A droga estava no seu organismo e precisava da próxima dose.

Agora, sempre que Ben, gentilmente, tentava alertá-la para o facto de andar perdida e ausente, May tentava enganá-lo com falsas palavras de sabedoria, garantindo-lhe que sabia muito bem o que estava a fazer e que podia parar quando lhe apetecesse. Porém, Ben via o seu olhar de desejo sempre que o editor de uma revista telefonava, quando a sua agente fazia negócios cada vez mais proveitosos com as televisões e quando via outro par de sapatos de quatrocentos dólares na montra de uma loja, embora já tivesse seis pares semelhantes.

Foi Lily, que não tinha medo de perder o amor de May, quem finalmente a confrontou.

– Querem que uses o quê? – perguntou ela quando May lhe telefonou por causa de uma sessão fotográfica para uma revista.

– Um corpete – explicou ela. – Não é como se fosse posar nua.

– E não achas que é um pouco... provocante, aviltante e completamente desnecessário? És uma escritora de sucesso, não uma estrela de cinema pornográfico.

– Lil! – May arquejou. Nunca antes a sua editora fora tão indelicada.

– Desculpa – pediu Lily –, mas essas estrelas de cinema costumam tirar a roupa, ao passo que escritores costumam mantê-las vestidas. O que pensa o Ben disso?

– Ele não se importa.

– O que significa que ainda não lhe disseste, verdade?

– Verdade, mas ele não se vai importar – insistiu ela. – Ele apoia-me em tudo.

– Ele tem medo de te perder – retorquiu Lily –, por isso está a cometer o erro de não tomar conta de ti, de não te dizer o que pensa realmente. Espero que o corpete também seja um bom apoio. Ou vais acabar a fazer a sessão sem a parte de cima.

May riu.

– Não digas disparates, nunca faria tal coisa!

– Ai não? – Lily soava incrédula. – Quer-me parecer que andas tão perdida no mundo fantasioso da fama e da fortuna que trocavas os teus valores morais, os teus princípios e integridade amanhã mesmo se te oferecessem a capa da *Vogue*.

May ficou em silêncio, ofendida pela opinião que Lily parecia ter dela, mas questionando-se de súbito se alguma vez teria a possibilidade de aparecer na capa da *Vogue*. A possibilidade acendeu-se à sua frente como uma estrela a cair na terra.

– Oh, não posso acreditar. Estás a pensar nisso neste instante – ralhó Lily. – Não estás?

– Não! – exclamou May, horrorizada por ter sido apanhada em flagrante. – Não, claro que não estou!

– Eu avisei-te que isto podia acontecer, não foi? – disse Lily num tom firme. – Estás viciada. Foste corrompida. A atenção subiu-te à cabeça e perdeste o coração. Esqueceste que começaste isto para te realizares e depois para ajudares os outros. Não para seres um sucesso. E agora isso é o mais importante para ti. Preocupaste demasiado com aquilo que menos importa à custa da única coisa importante.

– Não. – May calou-se, absorvendo as palavras de Lily. – Não é verdade. Importa assim tanto que eu aprecie a atenção desde que continue a ajudar as pessoas?

– Alguém tem de te salvar de ti própria antes que vendas a alma por uma fantasia. É bom que alguém te ame mais do que deseje que tu o ames.

– O que significa isso? – May franziu o sobrolho.

– Que tenha a coragem de te dizer a verdade sobre aquilo em que te estás a transformar, ainda que o odeies por isso. Precisas de uma intervenção – afirmou Lily. – Só rezo para que aquele teu namorado ganhe coragem... antes que seja demasiado tarde.



Mas por essa altura Ben já não se atrevia a dizer a verdade a May. Continuava à espera dos momentos, ao fim da noite, quando May deixava de pensar nos seus fãs adorados e nas sessões fotográficas e se enroscava nele, apertando-o contra ela. Ainda apreciava os cada vez mais raros momentos em que não falavam de nada em especial, fortalecendo apenas o relacionamento. Mantinha o anel de noivado na gaveta da mesa de cabeceira, esperando que um dia, em breve, toda aquela atenção fosse suficiente para ela e não precisasse mais dela. Esperava que ela ainda o amasse o suficiente para o querer. Esperava que ela ainda se conhecesse o suficiente para perceber o que era verdadeiro e o que era falso.

E foi então que surgiu o anúncio que quebrou por fim o já frágil laço que os unia. Lily tinha adquirido apenas os direitos americanos dos livros de May, por isso a sua agente era livre de os vender noutras partes do mundo, uma tarefa que lhe deu enorme prazer. O número de países começou aos poucos a aumentar: França, Espanha, Bulgária, Rússia, Brasil, China, Islândia, Índia, Japão... E May achou tudo aquilo incrivelmente emocionante, mais pela atenção do que pela recompensa financeira, que, com os pequenos adiantamentos, ainda não era muito significativa. Até que a sua agente conseguiu o negócio da sua vida com uma prestigiada editora londrina. Estavam interessados em publicar *Homens, Dinheiro e Chocolate* em apenas três meses, a tempo do Natal. Queriam que a autora fosse lá durante um mês para publicidade pré e pós publicação. Desejavam entrevistas na televisão, sessões de autógrafos, leituras, artigos em revistas e em jornais... Ofereceram-lhe meio milhão de libras e ela aceitou.



PERDA

May estava a fazer as malas. Havia três grandes malas dispostas sobre a cama, cada uma meia cheia com roupas, sapatos, maquilhagem, artigos de casa de banho. Ben encontrava-se sentado no sofá da sala a fazer de conta que lia o jornal.

– Parece que vais de férias – comentou ele sem levantar a cabeça das notícias.

– Não são férias – declarou May com um suspiro. – É trabalho. E convidei-te para vires também. Não fazia mal, seria gratuito. É a editora que vai pagar tudo.

– Oh, não «faria mal», era? Queres mesmo que eu vá – argumentou Ben. – Peço muita desculpa, mas acho que vou declinar esse teu convite tão sentido. De qualquer forma, sabes muito bem que eu não posso deixar a livraria.

– Claro que podes – resmungou May, irritada com a falta de apoio e entusiasmo do namorado. – Não é como se estivessemos desesperadamente a precisar de dinheiro, ou é?

– Não é por causa do dinheiro – afirmou Ben. – Nem tudo é por causa de dinheiro.

Ben sabia que podia ir com ela. Claro que podia deixar a livraria. Mas isso seria facilitar-lhe a vida e não ia fazê-lo.

– Tu é que sabes – retorquiu ela, não querendo envolver-se em mais uma discussão sobre os méritos do dinheiro.

Enfiou mais três vestidos numa mala, juntamente com dois pares de calças de ganga. Ninguém conseguia prever o tempo inglês por isso o melhor era ir preparada para todas as eventualidades. Olhou para Ben, ainda escondido atrás do jornal. Tentou esquecer o assunto, mas, convencida de que estava certa, não foi capaz.

– Não sei porque estás a agir como se este contrato fosse, tipo, a pior coisa que nos aconteceu. – May suspirou. – Bolas, pensei que ficasses feliz. Pensei que, pelo menos, tivesses orgulho em mim.

Ben levantou a cabeça.

– Cuidado, pareces estar a transformar-te numa americana. Assim vais ter de voltar.

– O quê? – May enrugou a testa. – Claro que vou voltar... Do que estás para aí a falar?

– De nada.

– Não é nada. – May pegou noutra vestido. – Achas que não vou voltar?

Ben encolheu os ombros. E, por momentos, no silêncio, ela entendeu como ele se sentia. Magoado. Amedrontado. Sozinho. O seu coração contorceu-se no peito e a única coisa que ela desejava fazer naquele instante era correr para o sofá, abraçar Ben, dizer-lhe o quanto o amava e prometer-lhe que tudo ia ficar bem.

– Claro que vou voltar – garantiu May, ternamente. – Como podes pensar...

– Eu nunca sei o que tu vais fazer – interrompeu Ben. – Tu fazes apenas aquilo que te apetece e nunca me perguntas o que penso.

May colocou o vestido na mala e, de súbito, ao escutar aquelas palavras, a distância entre a cama e o

sofá pareceu-lhe infinita. Ele voltara a picá-la e, qualquer compreensão que pudesse ter sentido, evaporou-se numa nuvem de mágoa. Ficou ainda mais irritada, pois o que ele dissera era verdade.

– Isso é um disparate – replicou. – Estás a portar-te como uma criança. Estou a fazer isto por nós. Com este dinheiro podemos pagar a hipoteca e todas as nossas dívidas. Podemos até comprar outra livraria, se quiseres.

– Pois, mas não quero – retorquiu Ben, consciente de que, naquele momento, estava mesmo a agir como uma criança. – Sou perfeitamente feliz com a que tenho. Não desejo ser o diretor geral de uma estúpida cadeia de livrarias. Aprecio o contacto com os clientes. Gosto de me relacionar com as pessoas. Tu também costumavas gostar, antes de ficares mais importante do que toda a gente, demasiado importante até para pessoas como eu.

May lançou-lhe um olhar indignado, sem saber como se defender daquela acusação.

– Ai é? – disse. – Pois, se é isso que achas, então o melhor será eu não voltar mesmo.

Embora, claro, não estivesse a ser sincera.

– Ótimo – declarou Ben. – Talvez não devas mesmo fazê-lo.

Embora, claro, ele também não estivesse a ser sincero. Contudo, depois de o dizerem, sentiram-se ambos tão magoados e furiosos que nenhum quis ser o primeiro a retirar o que proferira.



Ben encontrava-se sentado numa das extremidades do bar. Odiava bares. Eram barulhentos e lascivos e, embora já não tresandassem a tabaco, podia jurar que lhe cheirava sempre a desespero e a comiseração das poucas vezes que se deixava arrastar para um. Porém, desta vez, Ben pouco se importava. A discussão com May havia sido tão dura que um café simples na cafetaria de Alice em nada o ajudaria. Pediu um uísque puro e encontrava-se naquele instante a bebê-lo.

Ben não se apercebeu da sua presença ao princípio, a loura alta e magra que estava sentada no extremo oposto do bar. Não notou nada nem ninguém, com exceção do fundo do seu copo. Ia perder May; sabia-o. Estava tudo terminado. Ela iria para Inglaterra e nunca mais regressaria. O mais provável era conhecer algum escritor rico e famoso e ficar a viver com ele. Afinal, porque não haveria de o fazer? Agora também ela era rica e famosa e estava, obviamente, farta dele. O que podia prendê-la ali?

Ben suspirou, bebeu o resto do uísque e pediu outro. A loura sorriu-lhe, tentando que ele reparasse nela. Ben fez um pequeno aceno de cabeça e voltou a sua atenção para a bebida colocada à sua frente. A loura, interpretando o aceno como um convite e não como uma rejeição, escorregou do banco onde estava sentada e caminhou até junto dele. Meteu o seu braço magro frente ao copo de Ben, de modo que ele teve de levantar a cabeça e depois mostrou-lhe uma dentadura perfeita e branca e apertou-lhe o ombro.

– Este lugar está ocupado? – perguntou, sentando-se antes que ele conseguisse dizer alguma coisa. – A propósito, chamo-me Nina. É um prazer conhecer-te. – Virou-se para o empregado de bar, enrolando lentamente os seus longos e bem tratados dedos em redor do pé do seu copo de *cocktail*. – Era outro *cosmo* de framboesa, Ryan, obrigada, querido.

– Não estou à procura de companhia, Mina – declarou Ben sem desviar o olhar do copo. – Sou casado. Bem, na verdade, não sou, mas devia ser.

– É Nina – pronunciou ela num tom de voz indolente e arrastado. – E que diabo significa isso?

Ben encolheu os ombros.

– Então, és casado ou não? – insistiu Nina. – Porque não vejo que estejas a usar aliança.

– Sou no coração. Mas não, não sou casado – confessou Ben. – Não tecnicamente.

Nina inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, longa e sonora, como se ele tivesse dito algo absolutamente hilariante.

– Ora, se não é de ficar de boca à banda. É a primeira vez que oiço um homem dizer isso. Costuma ser ao contrário. – Deslizou a mão para a coxa de Ben. – Nesse caso, não te importas que eu faça isto.

– Sim – declarou Ben com firmeza, retirando-lhe a mão –, lamento muito, mas importo. Só a minha... Só a May pode tocar-me assim.

– Oh, que pena. Como disseste que te chamavas, querido?

– Não disse. – Ben emborcou o resto do uísque e pediu mais um.

– Também não são precisos nomes – retorquiu Nina, piscando-lhe o olho. – É sempre melhor assim.

Ben suspirou, ignorou-a e continuou a beber. Se ao menos May estivesse com ele. Se ao menos ela não estivesse prestes a partir e a levar o coração dele com ela. O que correra mal entre eles? Não conseguia entender. O que fizera ele? O que não fizera? Porque não fora capaz de salvar o relacionamento deles? Ben colocou a cabeça entre as mãos e gemeu. Os seus olhos estavam a começar a ficar vidrados; a sua memória começava a enfraquecer e os seus sentidos a adormecer. Aquilo era bom. Pediu outra bebida.

Quando Nina voltou a deixar deslizar a mão para a sua coxa, Ben não a sacudiu. Para ser sincero, sabia-lhe bem sentir um pouco de afeto, um pouco de conforto depois de tudo o que passara. Já não se recordava da última vez que ele e May tinham feito amor. Não se lembrava da última vez que ela olhara para ele como costumava fazer. Daria tudo, mas mesmo tudo, para ter isso de volta. Contudo, sabia que não podia. Por isso, tinha de aproveitar aquilo que tinha. Comparada com o amor da sua vida, a mulher sentada ao seu lado era fraca compensação, mas pelo menos era capaz de lhe acalmar um pouco o espírito destroçado. E, depois de tudo o que Ben tinha passado no último ano, o seu cérebro alcoolizado decidiu que ele merecia ao menos aquilo.

Virou-se para Nina.

– A minha namorada vai deixar-me.

– Oh, tenho muita pena, querido – ronronou Nina, embora não parecesse lamentar coisa nenhuma.

– Não sei... – A mente de Ben começou a rodopiar à medida que ele tentava encontrar as palavras certas. – Não sei o que correu mal, o que fiz de mal.

– Fofa – disse Nina suavemente, fazendo escorregar a mão mais para cima ao longo da coxa de Ben –, o amor é assim: se alguém te quer, não há nada que possas fazer de errado para a afastar, mas, se não te quer, então não há nada que possas decerto fazer para a convencer a ficar. Acredita em mim, já tentei de ambas as maneiras, já passei por *muitos* homens nesse processo, mas é a verdade, acredita em mim.

E quando Ben viu o seu olhar perdido, acreditou. Fazia sentido. Ali estava ele, a contorcer-se por dentro, a dar nós no cérebro e a partir o coração, tudo para fazer May voltar a amá-lo. Mas de nada servia. Nada do que fizesse estaria bem. Ela não o queria mais; isso era óbvio. E Ben mal conseguia respirar com a dor de ter de aceitar tal coisa.

– Eu sei que estás a sofrer, querido. – Nina inclinou-se para sussurrar junto à orelha de Ben. O calor do seu hálito roçou-lhe a pele e estremeceu. – Mas eu sei como fazer desaparecer essa dor. É o meu dom especial, a minha magia...

Ben deixou que o seu olhar pousasse no decote em V do vestido de Nina, na depressão entre os seus seios. Quando conhecera May soube que nada mais lhe interessaria noutra mulher. Quando fizeram amor pela primeira vez, soube que nunca mais queria ver outra mulher nua. E nada disso havia mudado. Mesmo naquele instante, aquela mulher era-lhe tão indiferente que nem lhe apetecia dar-se ao trabalho de lhe responder.

Mas o desespero e a comiseração que sentira no ar ao entrar naquele bar haviam-se-lhe entranhado na pele e ele faria qualquer coisa para os extrair. Aquela mulher era como o álcool ou como a cocaína. Estava a oferecer-lhe uma droga que o levantaria do fundo do poço. E, com cinco copos de uísque a arderem-lhe no sangue e um caso de amor mal resolvido a pesar-lhe no coração, Ben não percebia porque não haveria de aceitar.



Quando Ben regressou ao apartamento às três e meia da manhã, May dormia profundamente rodeada de malas. Acendeu uma luz e aproximou-se pé ante pé para vê-la dormir pois era talvez a última vez que o faria. Inclinou-se para a frente, planeando beijá-la na testa, fazer de conta que passaria o resto da sua vida a amá-la, esquecer tudo o que acontecera desde que saíra de casa. Mas sentiu-se invadido por uma onda de náusea, por isso cambaleou até ao sofá, sentou-se e não tardou a perder a consciência.

Ben acordou cedo, ouvindo May a fazer barulho na cozinha. Gemeu, abrindo lentamente os olhos. A luz brilhante do Sol feriu-lhe os olhos, por isso voltou a fechá-los. Alguns minutos depois, tentou sentar-se, mas tinha a cabeça a andar à roda e a latejar. Sentiu outro ataque de náusea.

– May – chamou num tom débil.

– O que é? – respondeu ela, a sua voz ainda um pouco fria, embora tivesse feito barulho de propósito, esperando acordá-lo para que pudessem fazer as pazes sem ter de ser ela a dar o primeiro passo.

– Que horas são?

– Passam dez minutos das seis. Tenho meia hora. O motorista da limusina já está lá fora à espera com as minhas coisas.

«Não sabia se devia ou não acordar-te – mentiu ela, esperando desesperadamente que Ben ainda a amasse, mas demasiado receosa de lhe perguntar, esperando desesperadamente que pudessem reconciliar-se antes de partir, mas demasiado receosa de o pedir. – Parecias completamente apagado.

O estômago de Ben contorceu-se de tal forma que ele pensou que iria vomitar ali mesmo. Porém, sabia que aquela indisposição nada tinha que ver com o álcool. Ela ia deixá-lo sem se despedir. Pelos vistos, já não o amava mesmo. Com grande dificuldade, Ben levantou-se do sofá e arrastou-se em direção à cozinha. Sentou-se num banco junto à máquina do café.

– Queres café? – May pegou numa caneca.

Ben abanou a cabeça.

– Eu telefono-te logo à noite, do hotel, ou quando puder, está bem? – O seu tom de voz parecia indiferente e, para Ben, que não fazia ideia de como ela se sentia realmente, era como se cada palavra lhe atravessasse a pele. – Não faço ideia do que eles têm planeado para mim quando lá chegar – continuou May.

Quando olhou para ela, Ben sentiu como se estivesse a ver May a milhares de quilómetros de distância,

do fundo do mar ou através de um denso nevoeiro. A sua voz era fria e dura, o seu corpo tenso, os olhos vazios como se a sua alma tivesse partido primeiro do que ela e já se encontrasse do outro lado do oceano.

– Tu já partiste – disse Ben. – Já partiste há muito tempo.

May mordeu o lábio. Tendo esquecido as palavras de Rose, ainda acreditava que o amor verdadeiro deveria ser fácil, mas o seu coração doía como se fosse explodir-lhe no peito. Mal conseguia suportar aquela dor. De súbito, May só queria que a dor parasse. Queria fugir até estar tudo resolvido e depois regressaria. Tentou conter as lágrimas e olhou para a porta. Ben observou-a, vendo nos seus olhos o quanto ela desejava partir. E, assim, decidiu dizer aquilo que a libertaria de vez.

– May – começou Ben, incapaz de a olhar nos olhos. – A noite passada eu... dormi com outra mulher.

Por momentos o tempo pareceu abrandar, tal como havia acontecido quando a sua mãe falecera, e May limitou-se a olhá-lo fixamente. Não tinha palavras. Não havia palavras. Fitou Ben, esperando que ele retirasse o que tinha dito, que o apagasse, que garantisse não ser verdade. Mas ele não disse nada. Olhava apenas para ela com lágrimas nos olhos. Ela esperou um pouco mais. Depois saiu a correr. E Ben, com o coração agora partido em dois, ficou a vê-la partir.



NEGAÇÃO

May não telefonou a Ben quando chegou ao hotel, ao contrário do que lhe havia prometido. Em vez disso, sentou-se na cama e ficou a olhar pela janela até, algures já de madrugada, ter finalmente conseguido adormecer. E quando acordou a cabeça doía-lhe como se não tivesse pregado olho. Olhou para o despertador na mesa de cabeceira. Estivera inconsciente durante doze horas. O sol da tarde derramava-se pelas enormes janelas que se estendiam do teto ao chão, decoradas com cortinas de seda creme. May pestanejou ao ver o bonito lustre de cristal e depois mirou em redor, apreciando o resto do quarto: tapetes grossos de pelúcia, sofás estofados com um tecido florido, cómoda branca com cadeiras a condizer, uma secretária encostada a uma janela com vista para Hyde Park. O hotel era requintado, dispendioso – pretensioso, era o que Ben lhe teria chamado.

May esfregou as têmporas. Levantou-se devagar e atravessou o tapete até à casa de banho: azulejos de mármore, chão aquecido, uma banheira grande o suficiente para acomodar uma família de quatro pessoas. Colocou-se frente ao espelho, tirou o cabelo da frente da cara e observou os seus brilhantes olhos: da cor do musgo após a chuva. Engoliu a custo, tentando conter as lágrimas e exercitando um sorriso falso, largo e resplandecente, para que ninguém percebesse que dentro do peito trazia um coração partido.



Nessa noite, os seus prestigiosos editores londrinos levaram-na a jantar fora. Chegou vinte minutos mais cedo, entregou o casaco ao empregado e sentou-se na ainda desocupada mesa para cinco. Pediu uma garrafa de água e tocou delicadamente nos talheres de prata. Observou os empregados que pareciam deslizar por entre as mesas com travessas e pratos nas mãos como se fossem dançarinos modernos a executar uma complexa coreografia.

May olhou em redor para os convivas impecavelmente vestidos que povoavam as mesas em redor. Corrigiu a postura. A apenas alguns metros de distância encontrava-se o ator de um filme a que assistira durante o voo: em carne e osso, a degustar comida de verdade com faca e garfo. Ao seu lado estava outra pessoa que May reconheceu, embora tenha levado alguns minutos a discernir de quem se tratava. Era Caitlyn Walker. Autora de vários *bestsellers*: alta, magra, loura, deslumbrante... uma escritora americana que vira sete dos seus livros transformados em filmes multimilionários, todos grandes sucessos de bilheteira. May não podia adivinhar que Miss Walker estava ainda mais perdida do que ela, com o coração igualmente partido, a alma ferida, o espírito derrotado e a sofrer de bloqueio de escritor.

À superfície pelo menos a noite correu muito bem. Os editores de May adoraram-na, adoraram o livro e estavam bastante excitados e satisfeitos com o itinerário que haviam delineado para aquele mês. Tinham quase todas as horas dos dias preenchidas, com apenas metade dos domingos para descansar. A sua presença estava confirmada em todos os programas televisivos das manhãs e das tardes. Tinha entrevistas marcadas em jornais e revistas e faria leituras em variadas livrarias de Londres seguidas por uma viagem

promocional por todo o país, assim que o livro fosse editado. Era uma coisa em GRANDE. E era apenas o começo.

Quando May regressou por fim ao hotel, já passava bastante da meia-noite e sentia a cabeça a rodopiar de tal forma que teve de se encostar à parede ao abrir a porta do quarto. Deslocou-se a custo até ao sofá e abateu-se nele com um suspiro, ainda com tonturas, respirando profundamente, tentando acalmar-se e tentando perceber o que estava a sentir. E depois, aos poucos, percebeu. Naquele instante, finalmente sozinha, não se sentia feliz ou excitada ou assustada ou com medo. Estava entorpecida; não sentia nada, absolutamente nada, o que era o pior de tudo. Era tal e qual como Lily a havia alertado, perdera o coração ao centrar-se no sucesso e não na realização pessoal e, com isso, perdera também o amor da sua vida.



– É uma história e tanto – elogiou o entrevistador. – Deve sentir-se muito feliz e bastante orgulhosa com tudo o que conseguiu.

May encontrava-se sentada no sofá do seu hotel em Hyde Park a ser entrevistada por um jornalista de um jornal sensacionalista. A sessão fotográfica decorrera um pouco antes e fora um pouco indecorosa. Sabia que Ben nunca teria aprovado tal coisa. Mas, claro, agora já pouco importava o que ele podia ou não pensar.

– Não sei, creio que sinto, bem...

– Ora, então, qual deverá ser o título? – ponderou o jornalista, mordendo o lápis. – De empregada pobre a escritora internacional...

– Bem, eu não era empregada. Era a proprietária do café.

– Muito bem – reconsiderou ele. – De pasteleira a *best-seller*...

– Sabe, eu não era...

– Sim, não está nada mal. Claro que precisamos de tornar a coisa um pouco mais atrativa, mas o editor tratará de todo o paleio bajulador. Então – disse ele, virando de novo a sua atenção para May –, como se sente agora que já fez tudo com que sonhou?

Era uma pergunta fácil, com uma resposta fácil. May abriu a boca, esperando que dela saíssem todos os habituais lugares-comuns sobre viver uma vida de conto de fadas. Mas não saiu nada. Ficou em silêncio.

Espantado por estar ainda à espera de resposta, o jornalista voltou ao ataque.

– Bem, creio que é uma pergunta um pouco estúpida. Então, ainda lhe falta atingir alguma coisa? Ou diria que já tem tudo?

O que mais poderia ela desejar? Pensou um pouco naquela pergunta. Bem, voltar atrás no tempo e fazer escolhas diferentes. Recuperar a sua antiga vida, a adorável vida que tinha antes de perder o norte e o coração. Voltar a saber o que é o amor incondicional. Sentir alegria no coração e paz de espírito. Ser novamente uma boa pessoa, uma pessoa que vale a pena, uma pessoa que ilumina a vida dos outros. Recordar-se do que a levava a promover o livro. E sentir qualquer coisa. O que quer que fosse.

– Não, não me falta nada – respondeu May com um sorriso. – Tenho tudo com que sempre sonhei.

– Sim? – O jornalista soltou uma gargalhada. – E tudo o que os outros também desejam!

– Sim, é verdade. – May anuiu. – Sou muito afortunada, muito mesmo.



Era o primeiro meio dia de folga para May. A primeira manhã em que não saltara da cama de madrugada, a primeira vez que tinha mais de um minuto só para si. E agora era quase meio-dia e ainda nem sequer saíra da cama. Ligara e desligara o televisor várias vezes, tentara ler os jornais, mas nada conseguia prender-lhe a atenção. Olhava para o telefone junto à cama a cada segundo. Uma voz suave no interior do seu coração aconselhava-a a ligar a Ben. E à sua prima, Faith. May sabia por que razão tinha tanto medo de telefonar ao namorado, mas não entendia porque andava a adiar ligar à sua prima preferida. Faith ficaria bastante ofendida se soubesse. Dizia para si mesma que pensara todos os dias em telefonar e não conseguia perceber porque adiava. Por vezes, ao isolar-se um pouco do frenesim dos meios de comunicação, ou quando passeava pelo parque, ou parava para escutar um músico de rua ou para dar algum dinheiro a um sem-abrigo – desde que conhecera Harry que ganhara esse hábito –, May pensava em Faith e sentia a sua falta. Mas também se sentia nervosa. Provavelmente por adivinhar que a prima lhe atribuiria culpas por tudo ter corrido mal. E não queria ouvir aquilo, pois sabia que era verdade.



E num piscar de olhos passou outra semana. O mês estava quase a terminar e May ainda não tinha telefonado a Faith nem a Ben. Todavia, grande parte do tempo não tinha de pensar sobre isso nem o que fazer em seguida, pois todas as decisões eram tomadas por ela, o que considerava uma bênção.

May encontrava-se sentada no interior de um táxi a caminho da sua primeira sessão de autógrafos no Reino Unido. Iria decorrer numa famosa livraria de Oxford Street, cujo nome lhe escapara por momentos, embora o mesmo não tivesse acontecido à importância daquele momento. Era um lugar incrivelmente prestigiado para ter como primeira paragem da sua *tournee* e, como tal, deveria sentir-se extremamente entusiasmada e muito orgulhosa. Contudo, May não sentia nenhuma dessas coisas; não se sentia sequer nervosa, apenas entorpecida. Como começava a ser hábito.

Quando o táxi se aproximou do local, May ficou surpreendida por ver que a fila de clientes se estendia pela rua. E ficou ainda mais admirada quando estes desataram a bater palmas e a gritar no momento em que ela entrou. Porém, a maior surpresa de todas estava reservada para quando se sentasse e olhasse para a primeira pessoa da fila, de livro na mão e a sorrir de orelha a orelha.

Era Jake.

Pestanejou, incrédula, ao vê-lo. Mesmo olhando-o de frente: alto e musculado, cabelo louro e olhos azuis... Completa e absolutamente deslumbrante – e continuava consciente disso. O homem que a adorara durante alguns ditos meses e a deixara seis meses depois de se ter tornado dependente e carente e ligeiramente obsessiva. O homem pelo qual ela perdera a noção de si mesma, a razão pela qual jurara nunca mais voltar a fazê-lo. O homem que a levava a estragar a sua relação com Ben de forma tão espetacular.

May fantasiara com aquele momento durante anos. Desde o instante em que ele a deixara, desde que publicara o seu próprio livro. Sonhava com o dia em que se tornasse um *bestseller*. Jake acabaria por vê-lo em destaque na montra de uma livraria, comprava-o, lia-o e compreendia que havia cometido um erro

terrível. Veria como toda a gente a adorava e admirava e voltaria para ela a correr. Tal como ainda desejava que o seu pai fizesse.

E agora ali estava ele, a um metro de distância. Fitou-o. Jake aproximou-se, segurando o livro, mostrando o sorriso ofuscante que sempre a fizera derreter. Nos segundos que se seguiram, passaram-lhe vertiginosamente pela mente os últimos meses do relacionamento entre os dois: as noites em que se levantara pé ante pé para lhe ler as mensagens do telemóvel, não descobrindo nada para além de níveis mais profundos de autoaversão e desespero, os quais nunca pensara atingir. Os dias em que o perseguira, telefonando demasiadas vezes, tentando insinuar-se mais até começar a ser cruel. Ficando perto dele independentemente do que ele fazia ou do quanto isso a magoava. Até que, por fim, ele a deixou.

May ficou sem saber o que dizer, incapaz de falar, e esperou para ver o que Jake faria em seguida.

– Olá – cumprimentou ele ainda a sorrir. – Gostava muito que autografasses o meu livro.

– Com certeza. – May recompôs-se e fitou-o nos olhos. – Queres uma dedicatória?

– Sim, se fazes favor.

– Dizes-me o teu nome?

– Oh, não me digas que signifiquei assim tão pouco para ti, Maya. Ia ficar destroçado.

May pegou no livro e rabiscou o nome dele. Da sua boca continuavam a brotar palavras tão doces e tentadoras como caramelos de chocolate. Estremeceu um pouco. *Pensei*, queria ela dizer, *que havia sido eu quem significara tão pouco para ti*.

– Agora é May – explicou ela. – Todos me chamam May.

– Oh – disse ele –, mas no teu livro...

– Bem, os meus amigos.

Devolveu-lhe o livro e Jake pegou-lhe como se estivesse a segurar as joias da coroa.

– Obrigado – agradeceu Jake suavemente – por ainda me considerares um amigo.

May encolheu um pouco os ombros, observando a comprida fila atrás dele. Algumas pessoas começavam a olhar para os relógios e a lançar olhares indignados a Jake por demorar tanto tempo.

– Bem – disse ela –, acho que é melhor continuar a sessão de autógrafos.

Jake acenou afirmativamente com a cabeça.

– Sim, claro, tens razão. Mas, por favor, deixa-me convidar-te para jantar esta noite. Isso se não tiveres já planos, visto seres uma pessoa famosa. Mas, se tiveres, cancela-os.

E lá estava aquele sorriso de novo. Aquele que parecia penetrar no peito de May e envolver-lhe o coração. Já não o via há tanto tempo, não o amava há mais tempo ainda, contudo, o seu sorriso continuava a ter aquele efeito nela. May instou-se a recusar, a mentir, a dizer que não desejava voltar a vê-lo.

Mas ao invés disse:

– Está bem, quando terminar a sessão de autógrafos podemos tomar uma bebida no bar que fica aqui em frente.

Jake aceitou, sorriu uma vez mais e virou costas.



May não apreciava bares, mas sabia que Jake gostava. Para além disso, era melhor do que a intimidade de um restaurante ou, pior ainda, do seu quarto de hotel. Quando entrou não o viu. Chegara a esperar que

ele não aparecesse, mas agora que não o avistava, a decepção acelerou-lhe o coração e a familiar sensação de rejeição deixou-lhe um sabor a cobre na boca. Virou-se para sair.

– Maya, May, espera!

Olhou para trás e viu Jake caminhar em passo rápido na sua direção com dois copos de vinho nas mãos: um tinto e outro branco. Entregou o copo de vinho tinto a May ao chegar perto dela.

– *Cabernet sauvignon*.

May esboçou um pequeno sorriso.

– Ainda te recordas.

– Claro que sim. – Mostrou-lhe novamente os seus dentes brancos e perfeitos.

Jake conduziu-a até ao extremo oposto do bar e May seguiu-o, como um íman, sentando-se antes de conseguir pensar que o melhor seria não o fazer. Os seus joelhos tocaram-se sob a mesa e ela desviou-se ligeiramente para que não voltasse a acontecer. Pensou em Ben em casa, sem nada saber. Depois lembrou-se do que ele fizera. Assim sendo, tecnicamente, pouco importava o que ela fazia agora, estaria apenas a equilibrar os pratos da balança.

– Nem acredito que estejas aqui – comentou Jake, sorrindo.

– Nem eu.

– E tudo o que conseguiste... Quero dizer, é deveras incrível.

– O quê? – perguntou May. – A minha evolução de rapariga patética e confusa para...

– Ei, nunca achei que fosses uma rapariga patética e confusa – contrapôs Jake. – Bem, pelo menos não ao início. Mas depois, quando começaste a receber todas aquelas rejeições, penso que te perdeste um pouco. Aposto que aqueles agentes e as editoras devem estar bem arrependidos, não achas?

– Duvido. – May encolheu os ombros. – Não me acho assim tão grande coisa.

– Bem, a julgar pelo que tenho lido nos jornais, és a única a pensar assim. – Olhou-a fixamente até May desviar os olhos. – Deixo-te nervosa?

– Fazes-me duvidar de mim própria – declarou May num tom suave.

Talvez fosse por se sentir mais fraca agora, diminuída pelo que tinha ganho e perdido, esburacada por tanto desespero e desejo, porém, May sentia-se a regredir na presença de Jake, a transformar-se naquilo que havia sido durante todos aqueles anos: carente, sozinha, à procura de amor fora dela mesma.

– Recordo-me do que gostavas em mim e do que não gostavas quando namorávamos – acrescentou May.

– E não creio que fosses gostar de mim agora.

– Estás enganada. – Jake esticou o braço e passou a ponta do dedo lentamente pela bochecha dela até ao queixo. – Acho-te bastante atraente neste momento.

May suspirou.

– Para com isso.

Depois beijou-a. Os lábios de Jake eram quentes, macios e ligeiramente húmidos. May ficou surpreendida por ainda se recordar ao que sabiam. Era reconfortante, tal como o bolo de chocolate sempre a fizera sentir quando estava vazia e sozinha. Quando Jake deslizou a mão pelas suas costas, May entendeu como seria fácil ir até ao fim. O alívio que seria, uma excelente maneira de adormecer a dor que começava a crescer no seu coração. Mas nesse instante algo de terrível aconteceu. Na escuridão daquele momento, May entendeu de súbito o que levava Ben a fazer o que tinha feito. Conseguia sentir o coração dele tão intensamente quanto sentia o seu: tão perdido e sem amor que procuraria em qualquer

lado forma de o voltar a sentir.

Mas não era assim que desejava fazê-lo. Não resultara com o chocolate e não iria resultar com sexo. E, ao mesmo tempo que Jake passava levemente o dedo pelo contorno dos seus seios, uma pequena voz dentro dela alertou-a. *Não*, sussurrou. *Não*. Tão suavemente que mal a escutou. *Não*. Sem pensar, May deu um salto, quase derramando o vinho para cima de Jake. Pediu muitas desculpas, correu por entre as mesas até ao exterior do bar e meteu-se no primeiro táxi que passou.

Meia hora mais tarde, de volta ao seu quarto de hotel, May sentou-se na beira da cama. Já não se sentia entorpecida. Estava tão repleta de sentimentos contraditórios que não era capaz de explicar como se sentia: triste, sozinha, culpada, desgostosa, zangada, assustada... Não sabia o que fazer. De repente, sentia saudades da mãe; sentia a falta de Ben, de Lily e de Faith. Aquele anseio era como um aperto na garganta e a raiva contra si mesma pelo que fizera acelerava-lhe o coração. A sua vontade era esmurrar as paredes e gritar, partir todos os espelhos e rasgar as cortinas. Contudo, não tinha sequer energia suficiente para sair da cama.

E então, pela primeira vez em muito tempo, May começou a chorar. Por todos os erros que havia cometido, por todas as decisões que desejava poder desfazer, por toda a dor que causara.

Por tudo o que amara e por tudo o que perdera.



FÉ

Quando May acordou, a primeira – e única – coisa que lhe apetecia fazer era telefonar a Ben. Mas àquela hora seriam duas da manhã na América e, para além disso, temia a forma como ele poderia reagir. Depois de pensar por alguns instantes, pegou no telefone e ligou a Faith. A prima atendeu ao segundo toque.

– Estou?

– Olá, sou eu, hum, sabes, é que... – Desejando ter pensado em algo, May tentou arranjar uma boa desculpa para não ter dado notícias em quinze meses.

– Oh, May, que maravilha! – exclamou Faith. – Como estás, querida?

Sentiu uma onda de alívio; era óbvio que a prima não era pessoa de guardar rancor.

– Lamento muito por não te ter ligado antes – confessou May. – Eu, bem, nestes últimos doze meses... perdi a noção de mim e daquilo que importava verdadeiramente e...

– Está tudo bem – disse Faith num tom conciliador. – Subscrevi a tua *newsletter* no teu *website*. Era bastante informativa. – May conseguia adivinhar o sorriso de Faith. – E sempre que me apetecia ver a tua cara, procurava-te no Google. Por isso, não faz mal.

– Oh, não. – May suspirou, completamente mortificada. – Eu... eu andava mesmo muito ocupada. Mas, claro, isso não é desculpa e não é por isso que estou a ligar-te.

– Não te preocupes. Eu sei que andavas bastante atarefada – declarou Faith. – E sabia que estarias a atravessar uma espécie de crise de identidade. Era de esperar.

– Sabias? – May franziu o sobrolho, enterrando-se nas almofadas da cama e sentindo a tensão abandonar aos poucos o seu corpo ao ouvir a voz da prima.

– Claro – confirmou Faith. – Foste absorvida pelo mundo da Comparação, do Controlo e da Loucura. Não é de estranhar.

– Também conheces isso? – perguntou May, perplexa. – Mas como sabes tu isso?

– Ora, é conhecimento comum entre nós, os esotéricos – explicou a prima num tom alegre. – É uma fase bastante típica no desenvolvimento de uma pessoa quando começa a aparecer na esfera pública e por isso bastante desafiadora. Algumas pessoas ficam presas nessa fase para o resto das suas vidas.

– Que fase? – questionou May, um pouco perdida.

– A fase da busca – explicou Faith. – A fase do desejo, da ânsia, do querer... A fase em que se pensa que a felicidade, o contentamento e a alegria estão sempre ao virar da esquina com a próxima promoção, as próximas férias, o carro, a mansão, a capa de revista...

– Mas... – May abraçou uma almofada contra o peito, contorcendo as borlas por entre os dedos. – Pensei que já tinha passado por essa fase quando andava obcecada em encontrar um homem, em ganhar dinheiro e perder peso, estás recordada?

– Ah, mas isso foi diferente – argumentou Faith. – Isso aconteceu quando não tinhas nada. E agora tens tudo. É toda uma nova dinâmica. – Riu. – Gostaste da metáfora americana? Era para te fazer sentir em

casa. – Soltou uma risadinha e May sentiu o calor da alegria da prima como um bálsamo que lhe aliviou a alma ferida.

– Oh, Fay, tive tantas saudades tuas. – May suspirou. – Gostava de te ver, preciso de te ver. Tens tempo?

– Para ti? Claro que tenho tempo, mas... e *tu*, tens?

– Não – respondeu May –, mas arranjo!



Faith e May caminharam lentamente junto ao rio de braço dado. A prima estava na mesma, tal como May se recordava: o mesmo cabelo preto comprido e selvagem, as costumeiras roupas coloridas – desta vez um par de *leggings* carmesins, um tutu vermelho e uma camisola verde – e o sorriso mais bonito que alguma vez contemplara. O Sol do fim de tarde brilhava suavemente por entre as árvores, tremeluzindo na água. May suspirou de contente e, invadida por uma inexplicável onda de amor e alegria, apertou a prima contra si. Faith apertou-a também.

– Fizeram um escândalo?

– Nem por isso – afirmou May. – Disse-lhes que estava a ter uma espécie de esgotamento artístico e que precisava de uns dias de descanso. Creio que já devem estar habituados a essas coisas, com todas as divas com que têm de lidar. Nem sequer tentaram dissuadir-me.

As duas mulheres caminharam em silêncio, escutando apenas o ocasional grasnido ou o chapinhar de um pato no rio. Uma brisa suave soprou por entre as árvores, agitando as folhas e, de vez em quando, passava um ciclista. May queria falar, desejava ouvir os conselhos da prima sobre todas as loucuras que havia cometido nos últimos meses, contudo não se sentia capaz de quebrar o silêncio. Há tanto tempo que não sentia aquilo: a suavidade peganhenta do ar, tão tranquila que quase tocava a pele e May desejava absorvê-la o máximo de tempo possível.

Quando por fim chegaram ao fim do trilho e começaram a passear por entre os campos em direção ao apartamento de Faith, May ganhou coragem e falou.

– Fala-me mais sobre essa nova dinâmica.

– O quê? Oh, sim, claro – concordou Faith, pensando uns instantes sobre aquilo que havia já dito. – Sim, ora então... a fase de desejar tudo, de procurar a felicidade, avistando-a à distância sem nunca a sentirmos dentro de nós.

– É isso mesmo – disse May. – Sabes, eu pensei que já tinha passado por isso. Quero dizer, andei toda a minha vida à espera de encontrar a felicidade em qualquer coisa, mas quando me despojei de tudo, quando me encontrei, quando estive no cimo de uma montanha no Arizona... Então percebi que tinha encontrado a felicidade *dentro* de mim; percebi que não estava em meu redor. Parei de ansiar por tudo. Encontrei a paz. E depois tratei de voltar a perdê-la.

– Ah, mas sabes – continuou Faith com um sorriso –, é muito fácil encontrar a paz no cimo de uma montanha, longe do mundo, longe dos anúncios de televisão, das revistas, dos ricos e dos famosos, da tentação de te comparares a toda a hora com os outros e de dares por ti a querer mais e mais. Mas estar no meio de toda essa loucura e ainda assim alcançar a paz? Isso sim, exige um ego muito forte.

May suspirou.

– Ah, então creio que nunca atingi tal coisa.

– Ei. – Faith apertou a mão da prima. – Não te sintas mal por causa disso, a maioria das pessoas também não o consegue. Por isso, quando são atiradas para o mundo ilusório da fama e da fortuna, perdem a cabeça e, mais perigoso do que isso, perdem o coração. Passam a vida a comparar-se com os outros. Convencem-se que têm de continuar a lutar por mais. Perdem a noção de tudo. Não conseguem afastar-se do trabalho, da necessidade de ganhar e de controlar tudo. Por isso, não têm paz. E é nessa altura que a loucura se instala.

– Sim. – May soltou uma risadinha, revendo-se claramente naquelas palavras. – Foi isso mesmo que me aconteceu.

– Exato, e podia ter acontecido a qualquer pessoa.

– Mas não a ti.

– Pois, isso não. – Faith sorriu. – Nunca a mim porque eu sou uma autêntica santa.

Ao ouvir aquilo, May desatou a rir às gargalhadas e já não conseguiu parar. Faith deixou-se cair na relva, rebolando no seu tutu, e May aterrou ao lado da prima.

– Ai, ai, ai – exclamou May já sem fôlego –, era essa a minha vida e eu era assim, sem tirar nem pôr. Não acredito como é que tu... é como se me tivesses observado durante todo esse tempo.

– Às vezes conheço-te melhor do que tu te conheces a ti própria. – Faith sorriu, tentando também recuperar o fôlego.

– É verdade, isso é bem verdade – confirmou May. – E eu começo agora a perceber tudo isso, a ver como andei cega, guiada por um pequeno monstro dentro de mim que desejava deitar as mãos a tudo o que o mundo tem para oferecer, sem me importar com as consequências. Ignorei os alertas do meu coração que me diziam que estava a trilhar um caminho de infelicidade para mim – pensou em Ben, sentindo um aperto no coração – e para os que me rodeavam.

– Perdoa a ti mesma – sugeriu Faith, repetindo as palavras de Harry. Sentou-se e puxou as mãos de May para o seu colo. – Poucas são as pessoas que são fortes o suficiente para resistir ao apelo da ilusão: sapatos bonitos e vestidos deslumbrantes, mansões e capas de revistas, a atenção e a adoração dos outros. As pessoas sentem-se atraídas pelo brilho, confundindo o *glamour* com a verdadeira felicidade. É fácil ficarmos reféns desse ciclo de celebridade, lutando sempre por mais, ao mesmo tempo questionando-nos porque não nos sentimos satisfeitos e por que razão a felicidade escorre sempre pelos nossos dedos quando pensamos tê-la alcançado.

May não podia fazer outra coisa que não fosse anuir. Não tinha palavras. Abraçou Faith e enterrou o rosto no cabelo da prima. Cheirava a perfume. Juntas rebolaram pela erva, rindo às gargalhadas até que May desatou a chorar. Faith deixou-se ficar imóvel e puxou a prima para si, aninhando-a no ombro enquanto esta soluçava. Faith afagou o cabelo comprido e negro de May e a sua pele branca e macia, sorrindo sempre pois sabia algo que May desconhecia ainda: aquilo era o princípio de tudo, e ia correr bem. Na verdade, seria fantástico. Por fim, May sentou-se e limpou as lágrimas.

– Porque tinha de correr tudo tão mal? O que me fez estragar assim a minha vida? O que me levou a fazer tantas asneiras? Pensei, quero dizer... quando cheguei à América li todos aqueles livros sobre realizar os nossos sonhos e acreditei neles. E pensei que, quando tivesse tudo o que sempre desejara, isso me traria felicidade. Mas compreendo agora que, se calhar, nunca fiz a menor ideia daquilo que desejava, porque isso nunca me fez feliz... na verdade, só me deixou mais infeliz do que quando não tinha nada.

Faith limpou uma lágrima da bochecha de May.

– O problema de conseguirmos aquilo que desejamos é o facto de muitos dos nossos desejos virem desses pequenos monstros dentro de nós. Tem tudo a ver com querer ter mais e ser melhor. Não nos apercebemos que já somos fantásticos e não sabemos apreciar a magia que existe em nós.

May anuiu, soluçando.

– Isso é o mais estranho. Eu *era* feliz, muito feliz, antes de tudo isto começar. Depois convenci-me que não era suficiente, comecei a desejar ter mais... e a partir daí foi sempre a escorregar colina abaixo.

– Bem – disse Faith abruptamente, sorrindo e erguendo-se –, agora que já chegaste ao fundo está na hora de voltar a subir. Mas desta vez escolhe uma colina diferente. Uma que te dê aquilo que precisas para ser feliz, não aquilo que *pensas* que necessitas. – Estendeu as mãos a May, que as agarrou para se levantar também. Faith riu. – Pronto, estás a ver? Não é assim tão difícil. Só precisas de uma pequena ajuda daqueles que te amam e te dizem a verdade.



Na manhã seguinte, May estava enroscada no sofá de Faith a beber chá. A prima encontrava-se a fazer posições inventadas de ioga no tapete, vestida com um pijama amarelo e a rir sempre que caía.

– Oh, meu Deus, é tão bom não fazer absolutamente nada. – May suspirou. – Não me lembro quando foi a última vez que não fiz nada. Em que não tinha qualquer coisa para planear, organizar, pensar...

– Não seria bom se toda a gente pudesse passar meia hora do seu dia sem fazer nada? – Faith esboçou um sorriso, metendo a cabeça por entre as pernas. – É o que há de melhor e mais eficaz para propiciar a paz e ajudar as pessoas a entender que aquilo que são é mais importante do que aquilo que fazem.

– Parece-me muito bem.

– E não fazer nada é mesmo não fazer rigorosamente *nada*, nem meditar, nem fazer ioga, nem ler um bom livro. Nada. Claro que ajuda estar num lugar bonito, contemplando a natureza. Mas até estar sentado numa cadeira virada para a parede ajuda.

– Porquê absolutamente nada? – inquiriu May. – As atividades relaxantes também devem ser boas para a alma, não?

– Bem, não estou a dizer que essas coisas não são boas – explicou Faith, contorcendo-se ainda mais de maneira que May deixou de lhe ver o rosto por entre o mar de cabelo –, mas ainda se encontram no domínio do querer atingir algo. Quando não fazemos rigorosamente *nada*, estamos a lembrar a nós mesmos que a vida é curta, que nada do que fazemos vai fazer-nos viver mais tempo, ou tornar-nos uma pessoa melhor do que já somos, por isso mais vale parar e apreciá-la enquanto vai passando.

– Sim, tens razão – concordou May. – Todo este tempo tentei construir uma vida melhor e nem sequer apreciei o que já tinha de bom.

Faith desfez a posição e juntou-se a May no sofá, espreguiçando-se como um gato.

– Ah, isto foi bom. – Exalou um suspiro satisfeito. – Agora só preciso de uma boa sessão de sexo.

May riu às gargalhadas.

– Como consegues? Permanecer calma e centrada no meio de toda esta loucura? Como consegues manter a paz e a noção do que é importante? Porque eu temo que, assim que regressar à loucura que é a minha vida, volte a fazer as mesmas asneiras.

– Oh, não sei – respondeu Faith. – É uma viagem que dura uma vida inteira. Não podes pressionar-te a acertar logo à primeira vez, à segunda ou até à quinta vez. Tenta simplesmente equilibrar, o melhor que fores capaz, o teu lado espiritual como o teu lado material. E nunca te esqueças que aquilo que o teu lado material deseja nem sempre é aquilo que o teu lado espiritual necessita. Quando tiveres dúvidas, escolhe sempre a favor do último. Depois o resto tomará conta de si mesmo.

May bebericou o resto do chá.

– Acho que vou tatuar isso nos dedos para nunca mais me esquecer.

– Também é importante ter boas fundações, bases sólidas – continuou Faith. – Arranjar uma boa e sólida base espiritual. Depois, quando a fama e a riqueza tentarem seduzir-te, quando te acenarem com uma vida ilusória de conto de fadas, verás que será muito mais fácil manteres o teu espírito e a tua alma intactos e impedires que o teu coração seja atropelado.

– Sim. – May sorriu. – Gostava muito de evitar ser atropelada, se conseguir. E que fundações são essas? Diz-me, preciso de material novo para o meu próximo livro e, claro, para as minhas tatuagens.

Faith riu-se ao ouvir a pergunta da prima.

– Oh, mas eu não sei quais são as tuas. Conheço apenas as minhas. Creio que serão únicas para cada um de nós. Só temos de encontrá-las.

– E onde procuramos?

– A vida vai-nos dando pistas – respondeu Faith. – Irás reparar nelas se estiveres com atenção. Olha em redor e escuta o que os outros têm para dizer. Não apenas quando lhes pedes conselhos, mas até quando parece que não estão a dizer nada de interessante. Eu aprendo imenso com as raparigas dos supermercados.

– Sim, isso é verdade. – May riu. – A Lily disse-me uma coisa fantástica há alguns meses, uma citação que falava de perguntar à vida o que queria de mim ao invés de perguntar apenas o que queria eu da vida.

– A tia Lily? – Faith esbugalhou os olhos, maravilhada por ouvir falar de um fantasma a dar conselhos. – Que espantoso!

– Não, lamento – disse May, a rir. – É outra Lily, a minha editora americana. Embora ela tenha começado por se tornar quase numa mãe para mim. Isso antes de eu começar a ignorá-la.

– Tenho a certeza que ela irá perdoar-te.

– Nem toda a gente é tão clemente quanto tu. – May pensou em Ben e sentiu de novo um aperto no coração. – E nem tenho a certeza se deveriam ser.

– Oh, May, para de te castigar dessa maneira. Todos cometemos erros. É mesmo assim. Faz parte de ser humano; não aprendemos sem eles. Tens de viver e sangrar e partir o coração. Não há outra forma. Aliás, terias acreditado em mim se eu te tivesse dito o ano passado que, se não tivesses muito cuidado, a publicação do teu livro te ia trazer mais dissabores do que alegrias?

– Não – admitiu May. – Creio que não teria acreditado.

– Então, esquece isso. Perdoa a ti mesma. Retoma a tua vida, mas desta vez não liguês aos anseios do teu pequeno monstro interior – aconselhou Faith. – Ao invés, pergunta ao teu coração o que precisa.

Todavia, May não teve de perguntar. Já sabia. Sabia lá bem fundo do seu ser.

– Preciso de regressar a casa.



VERDADE

No dia seguinte, May regressou a Londres. Encontrou-se de novo com os seus editores e disse-lhes que precisava partir assim que terminassem as suas obrigações. O que significava mais dez dias em dez cidades diferentes. A sua vontade era meter-se no primeiro avião para São Francisco, mas tinha de cumprir o contrato e a palavra dada, por isso ficou e esforçou-se ao máximo por fazer as leituras com satisfação, responder com empenho a todas as perguntas que lhe eram colocadas, conversar com os leitores e autografar os livros. E porque se centrou em tomar conta das pessoas em seu redor, em vez de pensar apenas naquilo que desejava, os dez dias passaram rapidamente e num piscar de olhos chegou o dia de regressar a casa.

Quando chegou à familiar esquina da sua rua em São Francisco, quase desejou ter ficado mais tempo. Não sabia o que fazer ou o que dizer a Ben. Andou de um lado para o outro no local onde o táxi a deixou, esperando por inspiração e coragem, mas de nada lhe valeu. Acabou por desistir, caminhou até à livraria, colocou as malas no passeio e espreitou pela montra.

Ben estava lá atrás, a desempacotar livros e a dispô-los em pequenas pilhas sobre a mesa. Ao vê-lo, sentiu uma pontada no coração. As mãos que a haviam amparado, os lábios que a tinham beijado, os braços que a haviam abraçado, o peito contra o qual tantas vezes encostara o rosto... May pensou em tudo o que haviam passado juntos, o amor e o ódio, a alegria e a dor. E desejou que pudesse ter sido diferente, desejou não se ter perdido – e a ele – na busca de ilusões que nada valiam. E desejou que ele não a tivesse deixado, de corpo e alma, para dormir com outra pessoa. Contudo, sabia que tudo aquilo era escusado, não podia desfazer o que estava feito, e tudo o que interessava agora era o que aconteceria em seguida.

May ficou ali por instantes, depois abriu a porta e entrou. Quando a sineta tocou, Ben levantou a cabeça e estacou. May avançou lentamente até ele, deixando as malas à porta.

– Olá.

– Olá – cumprimentou ele, fitando-a sem pousar o livro que tinha na mão.

May esperou para ver o que acontecia a seguir. Pensou no perdão, no que ambos haviam feito para esticar as fronteiras desse conceito. Contudo, embora desejasse desaparecer dali, pensando que era tudo demasiado, insuportavelmente doloroso e que seria mais fácil começar de novo com outra pessoa, May recordou-se das palavras de Rose sobre o amor, sobre a forma como as almas gémeas deviam apresentar uma à outra os seus problemas mais dolorosos e irresolúveis para assim poderem ser curadas. Assim, não podia escapar. Se fugisse naquele instante, acabaria por ter de enfrentá-lo mais tarde, com outro homem, e não com Ben. E desejava que fosse com Ben; queria que fosse sempre com Ben.

– Eu... eu... – May aproximou-se dele, com lágrimas nos olhos.

Mas antes de conseguir dizer mais qualquer coisa, Ben falou.

– Eu não dormi com ela.

– O quê? – May franziu o sobrolho.

– Beijei-a, acariciei-a, mas parei por aí.

– Não entendo, mas tu disseste... disseste-me que tinhas dormido com ela.

– Eu sei. Acho que queria apenas magoar-te, queria fazer-te sofrer o máximo possível – confessou Ben num tom brando. – Queria castigar-te por me teres esquecido, por tudo... Caramba, a minha vontade era mesmo dormir com ela, para te magoar a sério. Eu sei que é horrível, mas... De qualquer forma, não fui capaz. Não consegui tocar-lhe. Não eras tu, e eu não fui capaz...

– Oh! – arquejou May. – Oh...

– Estávamos numa casa de banho, pelo amor de Deus! – Ben começou a falar mais depressa, desejando despejar toda a verdade de uma vez por todas. – Olhei para ela e senti repugnância, ela era repugnante, eu era repugnante... e saí de lá a correr. Mas sabia que era a única forma que tinha de te magoar. Parecias já não querer saber de nada, nem de ninguém. Andavas tão... indiferente. Pensei... não sei. Não sei o que estava a fazer. Nunca me senti tão, tão... Quando pensei que me ias deixar, não acreditei que o meu coração pudesse suportar essa dor.

May aproximou-se ainda mais dele com as lágrimas a correrem-lhe pela cara. Ficaram a centímetros um do outro. Ben segurava um livro frente ao peito como quem empunha um escudo.

– Eu amava-te – declarou May. – Amo-te. Nessa altura. Agora. Sempre. Estava... Andava tão perdida noutro mundo, no mundo ridículo e louco da ilusão. Bem, de qualquer forma, perdi o norte ao coração. Já não sentia nada, nem amor, nem dor, nem alegria. Estava dormente a tudo, exceto ao querer cada vez mais...

– Mas não a mim – contrapôs Ben. – Querias tudo, mas não me querias a mim.

– Oh, meu Deus, não, isso não é verdade. – May pestanejou para expulsar as lágrimas e tentar ver melhor. – Queria aquilo que não tinha. Mais fama, mais atenção, mais adoração. Mais dinheiro, mais livros vendidos, mais contratos... Mas nada disso era real. Quero dizer, o meu anseio não era real. Não queria *verdadeiramente* tudo isso, não no meu coração, não na minha alma. O problema é que perdera por completo o contacto com essas partes de mim, e tudo o que conseguia escutar era o meu ego a dizer-me a cada minuto do dia aquilo que desejava, e nunca era suficiente...

Ben soltou um pequeno suspiro, encostando-se à secretária e sentando-se nela.

– Eu devia ter dito qualquer coisa – afirmou ele. – Permiti que tudo isso acontecesse. Presenciei-o e nem sequer tentei ajudar-te.

– Oh, meu Deus, nada disto é culpa tua! – exclamou May. – Nada mesmo, nem um bocadinho! Eu não teria escutado. O mais provável era ter gritado contigo. Ou ignorado os teus avisos, como fiz com Lily.

– Não, estás enganada – argumentou Ben. – Quero dizer, eu sei que terias gritado e assim, mas eu também era responsável, pelo teu bem-estar, pelo estado do nosso relacionamento. Desapontei-te. Deixei que te perdesse e não disse nada. Eras como um bêbedo ou como um drogado a injetar-se à minha frente e eu permiti que o fizesses porque tinha medo de te perder.

– Não sejas pateta – disse May. – Isso é ridículo.

– Achas? Mesmo? Ainda te recordas do que combinámos? – perguntou Ben. – O nosso acordo era dizer a verdade um ao outro, amar-nos o suficiente para o fazer, para... O que foi que me disseste certa vez?

May sentiu um novo aperto no coração.

– Que o amor verdadeiro é quando amamos uma pessoa mais do que desejamos que ela nos ame.

– Certo, isso mesmo, por isso dizes-lhe a verdade. Dizes-lhe aquilo que ela até pode não querer ouvir.

Dizes-lhe aquilo que pode fazê-la odiar-te. Mas tentas salvá-la dela mesma porque, se não o fizeres, ela pode perder-se para sempre.

– Sim. – May anuiu. – Sim.

– Mas eu não o fiz. Pensei apenas em mim, o tempo todo – explicou Ben –, e disse a mim mesmo que estava a pensar em ti, a ser generoso contigo, a permitir que fosses um pouco obcecada e imperfeita, e a amar-te incondicionalmente...

– E estavas, e é isso que admiro em ti. Isso faz parte do amor verdadeiro: amar uma pessoa por inteiro, com todos os seus defeitos, por aquilo que é, e não apenas pelas partes boas, não por aquilo que desejamos que seja.

– Sim, entendo – disse Ben, pousando o livro e passando o dedo pela aresta da secretária –, e está certo que assim seja. Mas não podem estar ambos corretos em simultâneo? Não podes dizer a alguém a verdade sobre o seu comportamento e continuar a amá-la apesar disso? Não podes ser sincera e afetuosa? Não podes dizer a verdade e fazê-lo de uma forma compassiva e benevolente? Tenho a certeza que o amor incondicional não é ficar em silêncio; é tomar conta daqueles que amamos o melhor que podemos e sabemos.

May aproximou-se da secretária e sentou-se ao lado dele. Muito lentamente, Ben esticou o braço para o lado, pegou-lhe na mão e apertou-a.

– Acho que as pessoas se confundem – declarou Ben. – Eu sei que estava bastante confuso. Pensamos que o amor incondicional é deixar alguém ser como é, sem dizer nada. Mas eu agora sei que o amor verdadeiro é falar sem tecer julgamentos.

– Não sei se... O que queres dizer com isso?

– O que quero dizer é que não gritas com alguém por ser egoísta; não a culpas pelas escolhas que faz ou tentas magoá-la. Expões os factos, como os vês, com calma e bondade, e deixas que a pessoa decida o que fazer com isso.

– Bem – disse May –, isso parece fantástico. Mas mesmo assim não sei se te teria ouvido, mesmo que o tivesses feito naquela altura. Acho que estava demasiado perdida – mostrou um pequeno sorriso. – Demasiado obcecada para te escutar.

– Talvez sim – replicou Ben –, talvez não. Mas já pensaste que podes estar a subestimar-te? Alguma vez pensaste nisso?

– Não. – May sorriu-lhe. – Não, não pensei, mas...

Ben sorriu também.

– Bem, acredito que se dissermos qualquer coisa, o que quer que seja, para ajudar *verdadeiramente* a outra pessoa, e o relacionamento que temos com ela, sem nenhuma raiva subjacente ou culpa ou crítica... então ela conseguirá ouvir aquilo que temos para lhe dizer, sem sentimentos defensivos, sem gritos e negações, e sem nos odiar por isso, porque sentirá o amor com que o dissermos, e saberá que a nossa intenção é pura e verdadeira. Assim, creio que é possível dizer praticamente tudo a alguém e essa pessoa escutará e procurará a verdade dentro dela.

– Qualquer coisa? – May sorria de orelha a orelha. – Mesmo quando lhe dizes que está completamente cega e obcecada?

– Sim! – Ben soltou uma gargalhada e abraçou-a. – Mesmo quando lhe dizes isso. Mas sem ser sentencioso. Não o dirias assim, pois não?

– Tens razão. Então, diz-me – continuou May, aspirando o perfume de Ben, quase não acreditando que estavam de novo nos braços um do outro –, onde foste buscar tanta sabedoria?

– Ei, como sabes que não fui eu que pensei em tudo isso sozinho? Achas que sou algum patego?

– Um patego? – May riu. – O que é isso?

– Não sei. Mas não é certamente uma pessoa muito esperta. – Ben abraçou-a com mais força. – Tive umas quantas conversas com a Lily. Ela aparece aqui na livraria de vez em quando e falamos...

– A Lily? – inquiriu May. – A sério?

– Não te preocupes. – Ben fitou-a com um brilho nos olhos. – Não dormi com ela.

May arqueou uma sobrancelha.

– Bem, sou capaz de a ter apalrado um pouco...

– Não tem graça.

– Desculpa, é demasiado cedo para piadas deste género?

– Não – retorquiu ela, com um sorriso. – Mas pensei que sabias.

– Sabia o quê?

– Que a Lily é lésbica. – May gargalhou ao ver a expressão de espanto no rosto de Ben. – Já vive com a namorada, a Megan, há mais de vinte anos.

– Ah! – exclamou Ben –, então é por isso que ela é imune ao meu charme.

May levantou as sobrancelhas.

– Pois, é *exatamente* por isso.

Ben riu e beijou-a. Uma sensação de calor percorreu a pele de May e os seus lábios formigaram.

– Amo-te.

– Eu também te amo.



– Então, achas que somos capazes de levar para a frente esse compromisso da sinceridade compassiva? – interrogou May. – Achas que temos o que é preciso?

– Bem, creio que é um ingrediente essencial em qualquer relação – disse Ben – e sem ele acabaremos a flutuar separados como... como a manteiga e o leite numa mistura estragada para panquecas.

May riu.

– Estou a ver... mas porquê a estranha metáfora culinária?

– Está calada – retorquiu Ben, fazendo-lhe cócegas. – Porque estou a morrer de fome, é por isso. Há dez horas que não como nada.

– Ora, então sugiro que passemos ao andar superior – convidou May – e preparemos algo para comer. – Levantou-se, estendendo a mão para o ajudar a levantar também. – O que te apetece?

– Panquecas.

– Está bem – concordou May –, mas não daquelas pequenas e grossas que fazem aqui na América. Das verdadeiras: finas e estaladiças, e com muito açúcar e limão.

– Crepes – disse Ben.

– Podes chamar-lhe o que quiseres – argumentou May com um sorriso –, mas para mim são apenas panquecas como as que a minha mãe costumava fazer.



NASCIMENTO

Ben e May passeavam de mão dada pelos caminhos empedrados do Japanese Tea Garden. O Sol começava aos poucos a pôr-se atrás das árvores e eles caminhavam em silêncio. Já haviam passado quase seis meses desde que May regressara a casa e sentia-se melhor do que nunca. Tinham adotado a sinceridade compassiva e estava a resultar às mil maravilhas. Era perfeito. Não totalmente pacífico e imaculado como May costumava acreditar que uma relação perfeita deveria ser, mas era bem melhor do que isso. Descobriu que havia uma perfeição mais profunda e intensa no perdão, na empatia e na compaixão. Com confiança e verdade, começaram a sarar muitas das feridas que carregavam desde a infância, tal como Rose prometera que aconteceria. E May compreendeu que a amiga tinha razão: o amor que permanecia verdadeiro na presença de todos os defeitos era uma experiência bem mais gratificante do que o amor que não tinha defeitos.

E, nesse instante, Ben estacou.

– Ei. – May virou-se para ele. – O que se passa?

– O que te leva a não querer ter filhos? – indagou Ben. – Desculpa, estou sempre a dizer a mim mesmo que não devo perguntar, para não te pressionar, mas... diz-me, por favor.

May fitou-o.

– Como podes ter tanta certeza disso?

Ben encolheu os ombros.

– Por coisas que disseste. Por coisas que não disseste. A forma como reagiste da última vez que perguntei.

– Oh, sim, isso – recordou May. – Desculpa, é que, bem... eu... eu sempre pensei que acabaria por me perder se fosse mãe e deixaria de saber quem era. E sempre tive medo de estragar tudo de forma tão irremediável que os meus filhos acabariam por necessitar de ajuda psicológica até ao fim dos seus dias.

Ben riu.

– O que te leva a pensar uma coisa dessas?

– Acho que por pensar sempre que era uma pessoa complicada. – May encolheu os ombros. – Logo, também seria uma mãe complicada.

– Não és complicada. – Ben afastou-lhe uma madeixa de cabelo da cara. – Bem, não muito mais que a maioria das pessoas.

May soltou uma gargalhada e disse:

– Oh, pronto, então sendo assim não faz mal.

Olhou para Ben, tentando pensar noutra piada para aliviar o ambiente. Todavia, percebeu pelo olhar dele que falava a sério, que aquele era um assunto sobre o qual pensara bastante. De súbito, May entrou em pânico, com medo de que, se ficassem ali mais tempo, ele a obrigasse a falar de coisas que ainda não estava preparada para partilhar, de memórias que não desejava revisitar.

– Anda, vamos. Não tarda fecham o jardim. Não queremos ficar aqui fechados.

May começou a andar, o seu passo apressado espalhando as pedras do caminho, deixando Ben a olhar para as suas costas e a questionar o que estaria a passar-se.



– Não consigo fazê-lo, Fay, não consigo. – May estava sentada à sua secretária a enrolar o cabo do telefone por entre os dedos e a contemplar o denso nevoeiro do outro lado da janela. – Simplesmente não consigo.

– Bem – disse Faith –, quer sejas capaz ou não, não é o que agora interessa verdadeiramente, pois não? A verdadeira pergunta que se coloca é: deseja-lo?

May ficou em silêncio por um momento.

– Não. Sim. Não sei. Nunca o desejei antes de conhecer o Ben. E agora, eu...

– O quê? – perguntou Faith num tom brando. – Tu... o quê?

– Sinto... Sinto... – May gaguejou, demasiado assustada para o descrever por palavras. – Às vezes sinto um desejo incontável no coração de o fazer. Mas depois penso que estou apenas a ser louca, ingénua, estúpida.

– Talvez estejas a ser demasiado dura contigo mesma, não achas? – indagou Faith.

May gargalhou.

– És capaz de ter razão. Mas eu... apenas não quero estragar tudo. Não isso. Quero dizer, acredito que se estragar a minha vida, no final, a única pessoa que sai magoada sou eu, mas com um filho...

– E o Ben – acrescentou Faith. – E, claro, toda a gente que te ama.

– Bem, sim – concordou May. – Mas mesmo que eu e o Ben nos separássemos, ele ficaria bem, seguiria em frente e assim. Mas com um filho... se estragas isso e eles não recuperam, é uma ferida que carregam para o resto da vida.

– Diz quem? – perguntou Faith.

– Bem, toda a gente sabe isso – argumentou May. – O que quero dizer é que, se os teus pais fizerem asneira, então estragam-te a vida para sempre. Deixam-te uma enorme quantidade de... «bagagem»; que carregas para o resto da vida e tens de gastar imenso tempo a aprender como livrar-te dela. E eu não quero fazer isso. Não quero ser responsável por causar danos irreparáveis na vida de outra pessoa.

Pensando que tinha sido bastante clara e não deixara margens para argumentos, May olhou novamente pela janela e interrogou-se se o nevoeiro iria dissipar-se, semicerrando os olhos para tentar ver a ponte.

– Sabes – começou Faith –, acho que não tem a ver com medo. É uma questão de perdoar.

May ficou em silêncio por momentos.

– O quê?

– Creio que não tem a ver *apenas* com o teu medo de ser uma má progenitora – explicou Faith. – O problema é ainda culpares os teus pais por todas as inseguranças que sempre tiveste: baixa autoestima, falta de coragem, tudo isso...

– Não – contrapôs May num tom firme. – Não, isso não é verdade. Eu não, eu não...

Faith interrompeu-a.

– Ei, ainda te recordas de tudo o que me disseste sobre viver em negação? Bem, talvez se não disseres «não» tão depressa, e deres a ti mesma um momento para pensares, quiçá percebas que eu, quem sabe, talvez até tenha razão.

– Desculpa – pediu May suavemente. – Sim, creio que és capaz de ter alguma razão.

– Ótimo! – Faith bateu palmas. – Foi o que pensei.

– Como sabias?

– Dedução. Inteligência superior. Intuição. A tua prima não é uma rapariga com quem se brinque, sabes?

– Pois, começo a perceber isso – retorquiu May com um sorriso.

– O que se passa é o seguinte – explicou Faith. – Se culpares os teus progenitores, em especial o teu pai, por te terem deixado toda essa «bagagem», então irás culpar-te por tudo o que acontecer aos teus filhos, quer tenhas alguma coisa a ver com isso ou não.

May fechou os olhos e mordeu o lábio.

– Mas há uma coisa que não podes esquecer – continuou Faith –, a tua vida só a *ti* pertence, e compete-te a ti aproveitá-la ao máximo, agora. Não interessa o que aconteceu no passado. Nunca chegarás a lugar nenhum a olhar para trás e a culpar tudo e todos. Os teus pais fizeram o melhor que souberam, tal como tu fazes sempre, e claro que cometeram erros; meteram os pés pelas mãos, tal como todos nós fazemos. Mas se os culpares, ou a ti, por tudo o que aconteceu de «errado», então pouco importa quão maravilhosa possa ser a tua vida, porque nunca conseguirás apreciá-la. Terás de sofrer só para justificar a culpa.

May permanecia em silêncio, a interiorizar as palavras da prima. Abriu os olhos e contemplou o nevoeiro, aliviada por Faith se encontrar na outra ponta da linha, em Inglaterra, e não ali onde poderia ver a sua cara. Porque, embora May tivesse dificuldades em admiti-lo, sabia que a prima estava certa.

– Sim – disse May, finalmente. – Muito bem, tens razão. Toda a minha fantasia de conto de fadas sobre a maternidade perfeita, o ideal que eu nunca conseguiria atingir, advém do facto de eu culpar os meus pais, o meu pai em especial, por não terem feito bem as coisas, por tudo o que correu mal.

– Ah, mas esse é outro assunto sobre o qual eu tenho uma teoria – declarou Faith – e funciona muito bem, seja ou não verdade.

May arqueou uma sobrancelha, perguntando-se que teoria maluca a sua estranha prima teria arquitetado para a ajudar a ultrapassar os traumas da vida. Mas, levando em consideração o facto de Faith sempre lhe ter parecido feliz, o que quer que fosse devia por certo funcionar.

– Tenho uma teoria sobre a sabedoria do coração, ou da alma, não tenho a certeza de qual – disse Faith –, mas o que eu quero dizer é que é a sabedoria mais valiosa que possuímos. Com ela, podemos aprender tudo o que precisamos para podermos ser verdadeiramente felizes. Bem, isso para mim significa que os acontecimentos dolorosos, embora momentaneamente violentos, não são, em última análise, horríveis. Pelo menos, não têm de o ser. Porque, se quisermos realmente, podemos usá-los para nos tornarmos mais compassivos, bondosos, atenciosos, compreensivos... Assim, embora comecem como angústias, podem terminar como dádivas.

May suspirou.

– Bem, acho a teoria muito bonita, mas não estou a ver como o facto de o meu pai me ter abandonado pode ser uma dádiva. É óbvio que a minha vida teria sido bem melhor se ele não o tivesse feito. E o mesmo pode ser dito de todas as coisas más. – May fez uma pausa para pensar em algumas coisas más. – Como a morte, o divórcio, qualquer tipo de destruição. Não creio...

– Sim, claro – disse Faith. – Se escolheres vê-las e vivê-las assim, então tens razão. Mas o que eu quero dizer é que só depende de ti. Podes transformá-las em dádivas; podes permitir que esses acontecimentos abram o teu coração ou o fechem. A decisão é tua, mas pode significar que nunca mais serás feliz.

– Não é assim tão fácil – objetou May. – Se estás zangada e magoada, não podes simplesmente decidir

não estar.

– Ah, mas claro que podes – retorquiu Faith. – Esse é o primeiro passo. Podes começar por decidir perdoar ao teu pai e perdoar a ti mesma. Podes decidir parar de lutar contra a realidade, esquecer os contos de fadas e começar a aceitar o facto de que todos temos defeitos e todos necessitamos de perdão. Podes aceitar que a vida é simultaneamente uma confusão e extraordinariamente bela. Ou podes continuar a insistir que deveria ser diferente, mais pacífica e menos dolorosa. Mas receio que seja o que seja e cabe-te a ti aproveitá-la ao máximo.

May sorriu.

– Sinto-me como uma criança que acabou de ouvir um sermão da professora.

– Bem – disse Faith, soltando pequenas risadinhas –, isso é porque está na hora de perceberes que a vida pode ser boa e, às vezes, não o ser, mas recusares-te a perdoar ao teu pai só vai tornar as coisas mais amargas e significará que não darás a ti mesma a dádiva de ter um filho, ainda que o desejes muito.

May sorriu ao ouvir a lógica acertada de Faith.

– Sim, tens razão, oh, doida, mas sábia prima.

– Ora, muito bem, então para de te preocupar e de pensar que vai tudo correr mal, porque mesmo que isso aconteça, não tem de ser nenhuma desgraça – afirmou Faith. – Tem um bebé, escreve um livro, faz o que quiseres.

May desejou que a prima ali estivesse para lhe dar um abraço.

– És fantástica – disse-lhe.

– Oh, eu sei – declarou Faith –, eu sei.



Durante o resto do dia, May ficou sentada à secretária, batendo com os dedos na madeira, mordendo a extremidade do lápis, anotando pequenos pensamentos e depois riscando-os. Cinco horas mais tarde, o nevoeiro tinha-se dissipado, o Sol começava a pôr-se atrás da Ponte de Golden Gate e May tinha escrito um parágrafo imaculado.

– Simultaneamente confuso e perfeito – concluiu, depois de o ler pela décima vez. – É um bom começo.

Doughnut saltou para cima da mesa e sentou-se sobre a página, a sua cauda felpuda tapando todas as palavras. May riu e pegou-lhe.

– Suponho que ter um filho será como ter cem gatos e, nesse caso, o melhor será adiar um pouco, ou terminar este livro antes de ele ou de ela nascer.

Pegou *Doughnut* ao colo e desceu lentamente as escadas em caracol, recordando-se do que Faith lhe havia dito. Ocorreu-lhe que a sabedoria da prima podia ajudar a criar um livro bem interessante e começou a pensar como poderia estruturá-lo. Ao fazê-lo, May atravessou o apartamento e desceu a escada principal para ver Ben, pois tinha algo de muito importante para lhe dizer.



– Tens a certeza? – interrogou ele pela vigésima vez, os dois estendidos na cama. Ben tinha uma das mãos pousadas suavemente sobre a barriga de May, os seus enormes olhos castanhos repletos de

esperança. – Tens *mesmo* a certeza?

– Não – respondeu May com um pequeno sorriso –, e como não sei como tudo isto vai resultar, acho que nunca terei a certeza. Mas sei que te amo e que desejo fazer isto com todo o meu coração e que estou pronta para outra...

– Aventura louca?

– Sim – replicou May com um esgar –, exatamente.



Não aconteceu nesse mês, nem no seguinte, nem nos seis meses posteriores. Continuavam a tentar e May continuava a escrever e, na primavera, tinha um novo livro pronto. Mostrou-o primeiro a Ben, que o adorou e repetiu até à exaustão não estar a ser tendencioso. E May acreditou, pois tinham até à data mantido o acordo de sinceridade compassiva em todos os assuntos. E agora queria mostrá-lo a outra pessoa: a Lily.

Desde o seu regresso, May via Lily todas as semanas. Jantavam todos juntos, com Megan e Ben, e encontravam-se em leituras e eventos literários. A agente de May continuava a arranjar-lhe compromissos públicos e publicitários e May cumpria-os com satisfação desde que fossem de bom gosto. Voltou a instituir as suas noites de alegria e inspiração, duas vezes por semana, falando com as leitoras sobre homens, dinheiro e chocolate e tentava ajudá-las o melhor que podia. E, onde quer que fosse, Ben estava sempre na primeira fila.

Desta vez, May convidou Lily para um café e uma fatia de bolo no The Tea Cup. May chegou mais cedo e ficou à conversa com Alice enquanto esperava. Há alguns meses atrás, ela e Alice haviam fundado O Clube do Livro Conhecimento e Inspiração e passavam muitas e divertidas horas juntas a experimentar receitas de bolos e novos livros para as reuniões.

– Olá – Lily tocou no ombro de May.

– Olá – cumprimentou May, virando-se para a abraçar.

Pediram dois *cappuccinos* e duas fatias de bolo de caramelo e sentaram-se junto à janela, embora desta vez tenha sido Lily a ocupar a cadeira da sorte.

– Pelos vistos, essa cadeira já testemunhou muitos pedidos de casamento – disse May, dando um gole no café e uma dentada na sua fatia de bolo.

– Ai sim? – Lily sorriu. – Isso é muito interessante, mas aposto que nenhum foi tão fabuloso quanto o meu.

– A sério? – perguntou May, intrigada.

– Oh, sim – respondeu Lily. – Pedi a Megan em casamento no nosso jardim ao crepúsculo, com centenas de luzes decorativas penduradas nas árvores. Claro que até mudarem a lei, não podemos casar de verdade. Mas já estamos «não-casadas» há vinte e dois anos e podemos esperar mais alguns.

– Foste tu que a pediste em casamento?

– Sim, porquê? Queres algumas dicas? – indagou Lily. – Foi por isso que me convidaste?

– Não – respondeu May, corando. – Escrevi um livro novo e gostava muito que o lesses.

Os olhos de Lily alegraram-se.

– Isso é extraordinário. Fico muito contente.

May tirou o manuscrito da mala e fê-lo deslizar sobre a mesa. Lily pegou nas folhas e leu o título.

– *Fama, Amor e Dinheiro*. – Lily sorriu. – Não será, por acaso, outra obra de ficção baseada em factos reais?

– Bem, sim – admitiu May. – Sim, é bem capaz de ser.

– Fantástico. – Lily guardou o manuscrito na sua mala. – Bem, assim sendo, mal posso esperar para ficar a saber um pouco mais sobre ti.

– Sobre mim, a minha prima, o Ben e tu...

– Eu? – Lily parecia surpresa.

– Sim, acrescentei alguma da tua sabedoria ao livro – explicou May. – Espero que não te importes. Posso sempre alterar, caso não te agrade.

– Importar? Porque haveria de me importar? Fico muito honrada. Agora fico ainda mais desejosa de o ler. – Lily sorriu e, por momentos, May sentiu como se a sua mãe ali estivesse, sentada à mesa a sorrir-lhe.



– Qual é a surpresa? – perguntou Ben, enquanto May o conduzia pelos portões do Japanese Tea Garden.

– Deixaria de o ser se eu te contasse, não era? – contrapôs ela, levando-o a atravessar a ponte em direção ao banco onde se haviam sentado três dias antes.

– É uma surpresa boa?

– Sim, creio que é.

Chegaram ao banco. Ben sentou-se com uma expressão expectante.

– E então?

– A paciência não é uma das tuas virtudes, pois não? – May sorriu.

– Não. Então, do que se trata?

– Bem – May começou a ajoelhar-se no caminho empedrado –, não é uma coisa que se diga, é uma coisa que se pede.

Ben começou a rir.

– Então, aqui vai. – May fez uma expressão séria. – Ben, gostarias de...

– Sim. Sim. Sim.

– Ei, mas eu ainda nem perguntei!

– Desculpa, *bichana*, não consegui esperar. O *suspense* estava a matar-me.

– Oh, vá lá...

– Pronto, é mentira – admitiu Ben. – Mas eu não queria que perguntasses, quero dizer, claro que queria, mas preferia ter sido *eu* a pedir-te.

– Oh. – May sorriu. – Compreendo.

Ben mudou do banco para o caminho empedrado e ajoelhou-se frente a May, que continuava também ela ajoelhada. May soltou uma gargalhada quando algumas pessoas que passavam os miraram. Ben encostou-lhe os dedos aos lábios.

– May, aceitas...

– Sim – respondeu ela. E riram ambos.

Caminharam até casa de mão dada, sob um céu límpido e decorado com estrelas brilhantes. Jantaram, foram para a cama e fizeram amor. E foi nessa noite que aconteceu.



Três noites mais tarde, May acordou banhada em suor, o coração acelerado. Desta vez não se tentou acalmar, nem suprimiu os seus sentimentos ou manteve os seus medos secretos. Ao invés, acordou Ben, que pestanejou ensonado.

– Tive outro sonho – declarou May. – Um sonho portentoso.

– Isso é uma palavra? – resmoneou Ben.

– Sim, é uma palavra. Claro que é uma palavra. Bem, pelo menos creio que seja – respondeu May. – Mas não é isso que importa.

– E o que é importante, *bichana*? – resmungou Ben. – É mesmo importante para me acordares às três da manhã ou achas que pode esperar pelas nove da manhã?

– Acabei de conhecer o nosso filho – disse May com um sorriso de orelha a orelha. – Bem, pelo menos em espírito.

– A sério? – perguntou Ben com os olhos a brilhar. – A sério?

May acenou afirmativamente com a cabeça.

– Sim, acredito que sim, se os meus poderes psíquicos latentes e completamente não testados forem de fiar. E ele disse-me uma coisa.

– Disse?

– Disse-me que esta aventura vai ser fantástica e cheia de solavancos.

– Ai, meu Deus. – Ben soltou uma gargalhada e abraçou May. Segurou-a nos braços, aninhando a cabeça no ombro dela e depois fitou-a, limpando as lágrimas. – Estás nervosa?

– Não, nada. – May brindou-o com um sorriso. – Apenas ligeiramente aterrorizada. Mas acredito que enquanto o meu coração bater e eu continuar a respirar, tudo correrá bem. Apesar do muito que eu possa errar, ele ficará bem, e nós ficaremos bem, e o que quer que corra mal – continuou, recordando-se da sua conversa com Faith –, morte, divórcio ou destruição, se continuarmos centrados em ver as coisas boas que existem nas más, então tudo correrá bem. E, de qualquer forma, a vida não deixará de ser...

– Confusa e bela e perfeita...

– Exatamente como é...

– Isso mesmo.

May sorriu. E depois beijaram-se.



Índice

[CAPA](#)
[Ficha Técnica](#)
[Para Ariel e Shya](#)
[CONTOS DE FADAS](#)
[SONHOS](#)
[MEDO](#)
[SABEDORIA](#)
[PERDÃO](#)
[FAMA](#)
[PERDA](#)
[NEGAÇÃO](#)
[FÉ](#)
[VERDADE](#)